

UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMPINAS
FACULDADE DE EDUCAÇÃO

PATRICIA LIANE FERNANDES PANIGASSI

O INÍCIO DE UMA TRAJETÓRIA

CAMPINAS

2005

UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMPINAS
FACULDADE DE EDUCAÇÃO

PATRICIA LIANE FERNANDES PANIGASSI

O INÍCIO DE UMA TRAJETÓRIA

Memorial apresentado ao Curso de Pedagogia
– Programa Especial de Formação de
Professores em Exercício da Região
Metropolitana de Campinas, da Faculdade de
Educação da Universidade Estadual de
Campinas, como um dos pré-requisitos para
conclusão da Licenciatura em Pedagogia.

CAMPINAS

2005

**Ficha catalográfica elaborada pela biblioteca
da Faculdade de Educação/UNICAMP**

Panigassi, Patricia Liane Fernandes.

P193m Memorial de Formação : o início de uma trajetória / Patricia Liane Fernandes Panigassi. – Campinas, SP : [s.n.], 2005.

Trabalho de conclusão de curso (graduação) – Universidade Estadual de Campinas, Faculdade de Educação, Programa Especial de Formação de Professores em Exercício da Região Metropolitana de Campinas (PROESF).

1.Trabalho de conclusão de curso. 2. Memorial. 3. Experiência de vida.
4. Prática docente. 5. Formação de professores. I. Universidade Estadual de Campinas. Faculdade de Educação. III. Título.

06-200-BFE

Para Meus pais Diva e Adelvar,
Presente maior que alguém possa receber;
Ao Júnior, companheiro inseparável nessa travessia;
Para César e Helena meus queridos irmãos;
Ao Pedro, Presente de Deus
que teve paciência de colaborar com sua mãe nesses
três anos de muitas ausências.

Agradecimentos

Primeiramente a Deus, que me deu forças para que eu pudesse concluir este início de caminhada.

Aos Professores e Coordenadores por acreditar em nós professores, contribuindo para o enriquecimento de nossa prática pedagógica.

As minhas amigas, que me deram seu apoio nos momentos em que eu mais precisei.

À Faculdade de Educação da Unicamp pela oportunidade de crescimento intelectual e profissional.

Aos Funcionários da Faculdade de Educação, que nos acolheram durante estes três anos.

ÍNDICE

01	Apresentação.....	06
02	Introdução.....	07
03	Os Primeiros Passos Desta Longa Jornada.....	09
04	O Cansaço Não Vence da Vontade de Continuar.....	23
05	Cada Novo Dia Permite Que Se Aprenda Algo Novo.....	32
06	Aprender é Mudar.....	40
07	Não se aprende bem, a não ser pela experiência.....	47
08	Uma Nova Professora.....	54
09	O Começo Dessa Trajetória, Que Longe Ainda Será o Seu Percorso	61
10	Referencias Bibliográfica.....	63

Apresentação

Este trabalho relata minha trajetória na Universidade Estadual de Campinas, em síntese, é um memorial dos fatos mais marcantes dos três anos no curso de Pedagogia.

Fala de todas as disciplinas cursadas, descreve as memórias que realmente permaneceram.

Mostra como o curso possibilita um olhar diferente do mundo, e a venda que foi tirada a cada texto lido, a cada discussão feita, a cada vez que aplicava-se novos conhecimentos em sala de aula.

Não posso deixar dizer que estas páginas que se seguem estão relatando um trabalho árduo, mas que outros virão pela frente, embora este tenha sido o primeiro, logo, o mais importante na minha formação como Professora.

Introdução

*“Não diga jamais: “Eu não posso”.
Diga “Eu tentarei”. Tentarei até conseguir”.*
Edvaldo A. D’Assumpção”

Inicia-se na Universidade Estadual de Campinas, minha trajetória de formação, como cita Soares¹ em seu livro, quando refere-se, ao início de suas memórias : *“(…)o começo do meu bordado em espiral devido às voltas que vão sendo dadas com o andar dos acontecimentos”*.

No início da escrita deste Memorial várias aulas foram direcionadas à orientação, porém muitas obscuras, não permitindo o real entendimento do objetivo do trabalho, do que era para ser feito, por onde começar, era uma idéia distante. Porém, na aula de 16 de novembro de 2004, ficou claro, após a leitura do livro “Guilherme Augusto Araújo Fernandes” (literatura Infantil), que tudo na vida nos deixa algum vestígio de aprendizado, e que no momento que precisamos dele, as ocasiões se fazem lembrar. O que aconteceu com Guilherme ao resgatar as memórias de uma Senhora. Assim escreverei as páginas que se seguirão, pensarei como o dito na ocasião por uma professora, que sugeriu colocar todas as anotações em um baú e tira-las uma a uma para recordar dos anos que se passaram. A partir daí escrever memórias. Memórias não necessariamente boas, mas aquelas que marcaram nossa trajetória na Universidade. À partir destas palavras foi possível pensar no que escrever.

O livro de Soares também direcionou, este trabalho orientado a maneira como deveria escrever, mostrando caminhos diferentes para conclusão deste processo.

Este processo de formação inicia-se no momento em que se decidi estudar Pedagogia. Vê-se aqui maior possibilidade e melhor contribuição para prática pedagógica, quando este é

¹ Metámemórias-Memória – A travessia de uma educadora. Soares, Magda B

o curso que se almeja. Nele, vê-se a possibilidade de aprofundar o conhecimento adquirido magistério.

O tão disputado vestibular, porém muito criticado, fortaleceu-me nesta trajetória. Ao provar a capacidade que todos nós temos e que precisamos aprender a confiar.

Deixamos estudantes da graduação normal, pasmos, porém estes ainda não nos deram a chance (para nós professores atuantes – PROESF) mostrar o que sabíamos, tendo assim, que batalhar muito para isso.

Deixar filho e marido não seria tarefa fácil. O bom foi poder contar com a colaboração de meus pais que cuidavam do meu filho nas noites em que vinha à faculdade.

Depois de organizar-me com transporte, matrícula e uma série de exigências mais, parti de Pedreira, a cidade onde tenho minha residência, muito ansiosa para fazer que um de meus sonhos começasse a se realizar (Ser Pedagoga).

No encontro inicial, fomos recepcionadas por autoridades que batalharam para que esta graduação acontecesse, aconteceu no Centro de Convenções.

O primeiro dia de aula, o mais esperado, cheio de expectativas e o mais engraçado; meu coração saltava pela boca ao chegar a Unicamp, completamente perdida. Eu e minhas amigas conseguimos encontrar a Faculdade de Educação e lá informadas onde seriam nossas aulas. Acompanhadas por uma estudante que compunha o CAP, fomos levadas a pé ao ciclo básico I.

Ao entrar na sala de aula, no primeiro dia de aula, não imaginei o quanto minha vida iria mudar com esta formação.

Os Primeiros passos dessa longa Jornada

“Todo dia traz consigo a oportunidade de uma nova escalada”.
Bérgson

O primeiro semestre foi o mais difícil, o que me deu mais medo e me deixou várias noites sem dormir, tudo era novo, uma experiência nova, porém hoje percebo o quanto me fez crescer.

Trabalhamos em várias disciplinas: Teoria Pedagógica e Produção em Língua Portuguesa, Educação e Tecnologia, Pensamento Histórico e Educação, Muticulturalismo.

O aprofundamento que fizemos na disciplina Pensamento História e Educação esclareceu pontos difíceis de entender. Mostrou que desde o início o Brasil teve uma educação excludente onde só os filhos da elite freqüentavam escola Jesuítas (educação voltada para o religioso/igreja). Essa escola não era de primeiras letras, pois presumia-se que os filhos da elite já tinham algum conhecimento pelos professores particulares. Os filhos da classe dominada não tinham direito à escola (eram apenas catequizados). Foram duzentos em quinhentos anos que a educação ficou na mão dos jesuítas.

Passamos pela escravidão (que persistiu por longos anos e nos deixou muitas marcas) até chegarmos aos primórdios capitalistas no século XIX.

A República não se propagou até então, pois continuava dominada pela elite do café, que defendia seus próprios interesses.

Com o governo Getúlio a educação passou a ocupar um espaço maior para os interesses dos estados criando assim em 1930 o Ministério da Educação.

A partir de 1960, com o aumento da população urbana, passa a educação ter interesse maior dos empresários, o que, propunha-se era preparar a população para a nova realidade de consumo.

De 1960 até hoje, o governo fez constantes reformas educacionais para atender aos interesses das novas demandas, interesses de grupos, dentre estes a igreja. Porém os defensores da escola pública eram chamados de comunistas por defender interesses que não eram os da elite, nem da igreja defendiam interesses dos que tinham condições de estudar se não fosse pela escola pública.

Não posso esquecer de citar as influências americanas nas políticas brasileiras nas quais ditavam como deveriam ser a educação aqui.

Com isso houve uma reforma no currículo dando ênfase às ciências exatas, deixando de lado as ciências sociais.

Até hoje temos resquícios dessas reformas, pois nossa educação ainda é ditada por outros (hoje pelo Banco Mundial – no qual impõe transformações nesta nossa educação).

Temos assim, uma educação sem qualidade e sem igualdade impondo as idéias neoliberais, materialistas tornando os indivíduos alienados e suscetíveis ao consumo (massa-de-manobra).

Com a alta evolução da tecnologia, o desenvolvimento econômico que estamos tendo é intrinsecamente excludente, onde a classe dominante quer reter crianças nas escolas cada vez mais para que não se vá muito cedo disputar uma vaga no mercado de trabalho.

Para mim, como educadora, é fundamental a sensibilidade com o compromisso de qual projeto de sociedade estamos trabalhando, e para quais projetos queremos trabalhar. Em sala de aula, pelo conflito que existe na sociedade, há o conflito da ação pedagógica. As questões que decorrem dessa situação conflituosa precisam ser refletidas por nós educadores. Não pensemos que essas questões serão resolvidas pelos governos. Devemos ter em mente, em que barco nós educadores queremos estar, que projeto de homem queremos representar, que metas visamos atingir com nossos projetos pedagógicos.

É uma brincadeira de projeto pedagógico, com prazo para ser entregue, mas que traz certa aparência de autonomia.

Penso ainda que, a história sendo vista, com um olhar crítico, não só denuncia como mostra os excluídos desde o início, no período colonial, até os dias atuais, tal responsabilidade de mudança cabe a nós educadores um trabalho com os alunos, tornando-os mais críticos e esclarecidos para que numa sociedade futura saibam participar dela como cidadão que defenda seus interesses coletivos para melhorar suas condições de vida. Saibam por em prática os direitos das mulheres, dos índios, dos negros, que nesta sociedade neoliberal capitalista em que vivemos em todos os momentos são colocados de lado e tratados como animais, sem ter o mínimo de consideração.

Vale ressaltar a frase do mestre retirada de seu texto “Crise e Crise”- José Luis Sanfelice, dita na aula magna de outubro de 2002.

“(…) A sociedade que está aí é que dentre outras coisas extermina crianças de rua, esteriliza mulheres pobres aos milhares, massacra os sem-terra, não tem como resolver seus problemas . Seremos, historicamente obrigados a almejar uma sociedade superior a esta. Que crise!”

Ao escrever um pouco desta disciplina deixo claro o quanto refleti, sobre meu modo de pensar, conseguindo de certa forma entender melhor as coisas, enxergar o que realmente acontece em nosso país e de onde tudo começou, prevalecendo até hoje. Passei não só a olhar o mundo mais refletir sobre ele. Acredito que seja a partir de então que tudo começou a mudar em minha vida, as outras disciplinas vieram uma se encaixando na outra como um quebra-cabeça.

A disciplina Teoria Pedagógica e Produção em Língua Portuguesa foi outra disciplina, que fez nos , reportarmos a história, os vários processos de alfabetização, os modelos utilizados e as influências sofridas.

Nossas ações educativas nem sempre estão coerentes e articuladas aos princípios teóricos – as teorias se constituem num lugar do qual se olha a prática.

Nossa prática é multifacetada e contraditória – nós professores lidamos com essa complexidade de acordo como interpretamos os acontecimentos.

Nosso olhar é o de muitas vozes, também é dirigido pelo momento histórico – aqui nesse lugar fazemos nossas escolhas, o ideal não é único, estático, homogêneo, imutável.

Ao revelar nossas concepções compreendemos nossas escolhas educativas.

Sabendo o que queremos, o porquê queremos, ainda temos que vencer a barreira do pensado e das condições concretas das interações em sala de aula. Não há transposição entre o modo de pensar e agir.

Entre o que se faz e o que se pensa estão as condições concretas e na busca de coerência entre teoria e prática é que vamos criando pontes, passagens, marcas que disparam nossas ações numa determinada direção.

Nas últimas décadas houve avanços teóricos e metodológicos na educação e principalmente na alfabetização, mas os alunos leitores e escritores com competência ainda não foram alcançados.

Vivemos num mundo grafocêntrico em que para sermos cidadãos é preciso estar envolvidos com práticas sociais de leitura e de escrita (condição necessária mais não suficiente).

A família e a escola são reconhecidamente espaços fundamentais nesse processo de mediação da criança e jovens com a escrita.

Considerando as teorias mais recentes com relação ao ensino da leitura e da escrita ou sobre o processo de alfabetização e letramento temos um modelo chamado tradicional e outro emancipador:

No modelo tradicional a escrita é reflexo da linguagem oral a tarefa é decodificar. O ensino é mecânico, há prontidão para aprender e a escrita é escolarizada. Muitos professores ainda utilizam deste modelo de ensino não se dando chances para conhecer o modelo emancipador.

No modelo emancipador a escrita é um sistema simbólico construído pela cultura de caráter histórico e social. O ensino é pautado nos usos sociais da escrita. Neste modelo a escrita verdadeira na escola é correspondente aos usos sociais e o texto é o ponto de partida e de chegada no processo de alfabetização escolar.

As implicações desta concepção no trabalho pedagógico, pode se dizer, que não é a quantidade dos textos e sim sua qualidade. A diversidade de gêneros textuais também faz a diferença.

Aparecem críticas ao analfabetismo funcional e aos modelos teóricos que o geraram essas críticas com aparência progressista. São na verdade demandas do mercado, do setor de produção. Querem um trabalho novo em alfabetização, mas apenas adaptativo as demandas capitalistas. “(...) *Necessitamos de uma proposta crítico-radical de alfabetização para formar, cidadão críticos*”. (Soares, 1995, 1996).

Paulo Freire é o teórico que ainda é referência nessa concepção.

Para ele o processo educativo deve possibilitar desenvolvimento da consciência ingênua para crítica, essência do processo de conscientização – ocorre pelo exercício da reflexão crítica da realidade social.

Na consciência ingênua a realidade é interpretada superficialmente, ela é imutável, a rigidez nas concepções, refratário ao diálogo.

Já na consciência crítica a realidade é analisada profunda e radicalmente, a realidade é mutável (ação consciente do homem), o sujeito busca causas para determinada realidade (quebra preconceitos e falsas concepções).

O ser humano é sujeito da História através da consciência crítica porque se torna ativo e transformador da realidade.

O processo de conscientização se dá nos conflitos e contradições sociais que ajudam a questionar a realidade através do exercício da reflexão crítica – diálogos e trocas.

Para a construção de um processo de alfabetização, na perspectiva crítica, eu como professor, devo proporcionar relações dialógicas saudáveis em sala, escolher conteúdos que possibilitem problematizar a realidade.

O processo de alfabetização inicia-se muito antes da escola (formal). As crianças chegam à escola com diferentes concepções de escrita. Uma das maiores críticas ao modelo tradicional aparece quando, trata-se a criança como todas fossem iguais, levantando-se barreiras quando sabemos que cada uma vem para a escola com um determinado conhecimento, já no modelo emancipador o professor parte utilizando o conhecimento prévio que a criança já possui.

O grande desafio de nossas escolas hoje é possibilitar que o aluno amplie usos lingüísticos da escrita habilitando-o nos diferentes usos da linguagem escrita e oral numa perspectiva crítica (leitor e produtor para o exercício da cidadania).

Essa demanda fez com que autores diversos sugerissem um novo conceito mais abrangente que alfabetização, sem substituí-lo – Letramento.

Segundo Kleiman (1995) “*Letramento é um conjunto de práticas sociais que usam a escrita, enquanto sistema simbólico e enquanto tecnologia, em contexto específico*”, já Soares (1998) define letramento como “*resultado da ação de ensinar ou um indivíduo como consequência de ter se apropriado da leitura e da escrita*”.

Aparece a diferença entre ler e escrever e apropriar-se socialmente da escrita.

Soares aponta níveis de letramento: alfabetizados/analfabetos – sociedade é grafocêntrica.

O bom nível de letramento muda a inserção do indivíduo na sociedade.

O desafio agora é alfabetizar letrando.

Para o professor desenvolver um trabalho na perspectiva do letramento precisa do conhecimento de diferentes áreas para auxiliar no processo.

Um processo de alfabetização na perspectiva do letramento precisa das mesmas condições de um modelo emancipador.

O conhecimento é construído a partir da relação que se estabelece entre o sujeito e o objeto de conhecimento e essa relação é sempre mediada, o professor é importante mediador, mas não o único.

As práticas em sala de aula são importantes e não devem ser isoladas – é trabalho coletivo para troca de experiências, análise de trabalhos – movimento dialético constituinte e constituidor.

Penso hoje, em educação como uma ação social coletiva que deve ser planejada e desenvolvida coletivamente.

Os ideais de democratização da escola devem ser perseguidos para que o corpo docente tenha autonomia e poder de decisão no domínio sobre o seu trabalho pedagógico.

Como base neste contexto, esta disciplina foi uma das maiores contribuições que tive no decorrer de minha prática pedagógica, mostrando caminhos a seguir para fazer de meus alunos críticos e atuantes nesta sociedade.

A análise que fizemos sobre os Parâmetros Curriculares Nacionais de Língua-Portuguesa, como eu disse ao falar da história da educação, pacotes enviados pelo MEC para nós professores moldarmos nossos alunos todos iguais, atendendo objetivos do Estado que por ventura são eles objetivos neoliberais, e capitalistas de uma sociedade dominada por burgueses onde é explorada a classe menos favorecida com estes ideais, para se enriquecerem cada vez mais. Cabe a nós professores, estudarmos cada vez mais e o mais importante

abrirmos nossa cabeça e darmos o melhor de nós enquanto professores das séries iniciais e fazer de nossos alunos, leitores, escritores, produtores e o principal é fazer com que entendam todo este mecanismo capitalista neoliberal e que assim no futuro consigam mudar esta nação tão “primitiva” chamada Brasil.

Posso dizer ainda que esta disciplina teve aulas diferentes (dramatizações, cartazes) que me enriqueceram, me mostraram um entendimento maior. Nas dramatizações sobre os modelos de ensino, percebemos coisas que fazemos e não nos damos conta, a aula sobre letramento que confeccionamos cartazes para representar para cada um o que era letrar, o quanto aprendemos. Uma das professoras no decorrer destes semestres nos disse o que será que prevalece durante a vida de nossos alunos sobre a escola, o que fica guardado por toda a vida na memória e a partir destes momentos que voltam a minha memória que me lembro destes fatos, pois a parte teórica tenho anotada nos textos, cadernos, é só ler que me lembro mais os fatos marcantes não preciso ler, estes ficam em nossa alma, dentro dos nossos corações. Estas memórias, alegres ou tristes levamos pela vida inteira e construímos o ser que hoje somos. Com isso continuo escrevendo minhas memórias sobre as outras disciplinas uma a uma talvez seja difícil uni-las, pois aprendi a crescer fragmentando meus conhecimentos, colocando os quem sabe, em gavetas nas quais vou abrindo uma a uma para relembrar o que passei e tentar transpor em algumas páginas contando um pouco das aulas de Educação e Tecnologia uma disciplina que parecia tão simples, mas que incomodou muitas de minhas colegas.

Esta foi uma das disciplinas na qual mais confiei, pois sempre fui uma amante dos computadores e apesar de não trabalhar só com esta tecnologia, este era o instrumento utilizado para descrever as aulas. E isto foi o que mais me chamou a atenção não precisávamos de caderno, as aulas eram relatadas diretamente nas telas dos computadores (um avanço que acredito muito em breve, será o caderno de nossos alunos). Pois é, o poder da

tecnologia que vem nos atropelando a cada dia que passa, e muitas vezes nem paramos para perceber. Colegas minhas relutavam contra esta tecnologia, não acreditava que havia pessoas que não sabiam ligar estas máquinas, nunca haviam falado em e-mail, e eram professoras. Não havia me dado conta desta exclusão digital, que nem bem sabia o que era (abro este parentes para dizer que eu e meus irmãos há quinze anos, juntamos todas as nossas economias para comprar um micro. Zeramos nossa poupança para comprar um XP, que ainda opera em MS-DOS. Não éramos ricos, meus pais sempre foram assalariados, porém tão cedo amantes desta tecnologia. Meus amigos nunca haviam visto um computador, eu tinha na época dez anos e nem podia contar que tinha um computador, de medo de atrair ladrões, éramos proibidos) estes parênteses foi apenas para lembrar de onde surgiu minhas paixões por micros.

A exclusão digital, cada vez mais avassaladora, da qual vem nos atropelando diariamente não só pelos computadores novos e mais modernos com Softwares ainda mais sofisticados que surgem a cada minuto, mas também pelas invenções digitais que nós um país de terceiro, quarto sei lá que não conseguimos acompanhar, as pessoas são cada vez mais excluídas do mercado, pois a maioria das vagas são para as pessoas esclarecidas nesta modalidade. Isso quando há vagas porque o desemprego cresce a cada ano devido às trocas de homens por máquinas que aumentam os lucros dos burgueses e aumentam a fome e a pobreza da classe dominada.

Um dos textos que nos foi apresentado pela professora trouxe como título “O futuro chegou” o qual nos mostrou como a tecnologia chegou e a revolução que tem a cada dia como citei acima. A informática e as telecomunicações mudaram as relações de vida das pessoas em vários setores de suas vidas.

Hoje quem detém o poder é quem detém a tecnologia e a informação, ao contrário, de tempos anteriores. Porém, na relação professor aluno, o professor interage com o aluno e a

máquina, dirigindo o espetáculo. Mas nenhum equipamento substitui o professor e sua função de ensinar. O computador é apenas para auxiliá-lo.

Não podemos nos esquecer que em países subdesenvolvidos, como o nosso, essa tecnologia deixa muito a desejar e a má distribuição de renda pode ser ainda mais cruel.

Só precisamos, portanto, prestar um pouco de atenção às mudanças. E aprendermos efetivamente com elas.

Vimos ainda o vício dos brasileiros pelas telenovelas, os telespectadores além de assistir adotam a maneira de agir dos atores (falar, vestir, etc), sonham com situação de vida semelhante vendando seus olhos para o que realmente acontece no país, adotando assim as novelas com papel educativo, propondo problemas de natureza ética e política. Em decorrência disso, lojas e ambulantes exploram o lado pobre do povo (copiar os artistas).

A mídia seduz a seu público impulsionando em seus atos para os quais desejam (TV faz as pessoas ficarem alienadas em relação ao consumo). Para o governo isso é um anestésico, pois, quando a novela acaba o povo vai dormir, porque no outro dia tem que levantar cedo não dando tempo para discutir os assuntos políticos e traçar metas para conseguir melhorar o país e conseqüentemente abrir os olhos do povo para que saibam escolher seus governantes. Estes por sua vez, teriam que ser pessoas comprometidas com a Educação, pois, assim sendo o povo esclarecido não acreditaria em propostas tão indecentes e ficaria com os pés no chão procurando enxergar a realidade que está na nossa frente e que a maioria não quer ver.

Na realidade uma rede de TV que se diz líder, manipula a mente do “povão” desse país imenso fazendo com que acreditem em tantas inverdades, que num simples corte de imagens muda completamente a versão correta do fato. Esse poder manipulador da televisão só será derrubado quando o povo for mais esclarecido, mais aberto, mais culto, mais crítico.

Conhecer a mídia sem as vendas nos olhos fará com que coloquemos as pessoas em primeiro lugar, jamais as mercadorias.

Essa sedução pela televisão para com os telespectadores faz com que grande parte da população fique anestesiada pela forma que ela produz textos e as notícias faz que o povo se renda a fatos montados trazendo o irreal para o real.

Os valores, que trazemos dentro de nós, jamais poderemos deixar que eles se dissipem e dêem lugar as mentiras geradas por montagens que os poderosos fazem.

Encerro meu comentário sobre a televisão com o relato de “Nelson Leite Filho”, que foi publicado no Jornal Correio Popular de Campinas no dia 08 de Junho de 2002.

“Constante se lê a opinião dos leitores contra essa escandalosa e indevida programação da televisão. A manipulação dos que têm domínio intelectual sobre esses programas chega até mesmo as raias do absurdo. Desnecessário se faz dizer sobre as chocantes cenas que a TV submete principalmente os jovens e as crianças. Pior de tudo é o governo que nada vê, nada se ouve e nada se fala. Quem tem coragem de enfrentar os que dominam a TV”?

O passeio ao cinema onde conhecemos toda a parte interna (sistema de projeção, transmissão, sonorização, etc) me marcou demais, assistimos nesta ocasião o Filme Scobby Doo, que foi projetado em computadores (olha a tecnologia presente).

O trabalho final desta disciplina, foi proposto a nós alunos, que realizássemos um trabalho denominado “Curta-Metragem”. Inicialmente causou espanto, medo, achava que os professores estavam ficando loucos. Como eu uma simples professora de Ensino Fundamental conseguiria realizar tal proeza? Porém o tempo foi se passando e tudo se esclarecendo, inclusive uma das aulas que sanou muitas de minhas dúvidas foi dada pelo professor coordenador Sérgio Amaral . Ele nos explicou detalhes, sugeriu idéias, e deixou claro o que deveria ser feito (ninguém precisaria ser um cineasta), comecei a relaxar e curtir cada momento da montagem.

O primeiro passo foi escolher o tema entre tantos foi escolhido “Natal dos excluídos” Então pedimos para todo o grupo recortar imagens sobre o tema de revistas, internet, etc.

Junto com as gravuras procuramos músicas referentes ao tema. Marcamos um dia na faculdade de Educação para a montagem do mesmo.

Aquele momento foi o mais angustiante todos queriam expor suas idéias, ninguém aceitava a idéia do colega, muitos se rebelaram, e deixaram o local. Assim, o grupo começou a perceber a falta de entrosamento e resolveu então colaborar.

Escolhemos primeiramente a música, de tantas relacionadas a natal optamos por Imagine (Música de John Lenon Dublada por Fábio Júnior) e a partir dela, fomos selecionando as imagens no decorrer, optamos pelo contraste uma de natal feliz (onde as pessoas têm famílias reunidas, muitos presentes, ceias com mesas fartas – imagens fáceis de serem encontradas – contrastando com imagens de crianças sem lar, crianças abandonadas nas ruas, adultos maltrapilhos – que não se encontra recortes destes participando de ceias de natal, nem mesmo com uma mesa farta- depois de horas selecionando essas imagens numeramos todas. Eu fiquei encarregada de mandar serem editadas. O curta teria que ser curto mesmo, só deveria ter três minutos e ao editar nossa fita ficou com cinco minutos, não sabia o que fazer pois quem editou a fita foi um primo meu e eu estava encarregada de entrega-la para a professora no dia marcado, porém deu tudo certo, o editor da Unicamp reeditou alguns pedaços. Fui a primeira, a assistir, minha emoção foi tamanha (derramei lágrimas) não só pela satisfação de ter feito, mas pela emoção que transmitiu. Este foi um dos trabalhos que mais me envolvi emocionalmente e tive grande satisfação em fazê-lo, curti cada momento sofri, com cada detalhe, mas valeu a pena.

Multiculturalismo, fez me refletir sobre reportagens, que muito ligado a disciplina de tecnologia, ajuda nos a enxergar o que realmente a mídia quer nos mostrar, acredito que este seja um exercício que devemos praticar diariamente.

Um dos textos que me chamou a atenção, fala sobre as dificuldades encontradas para a formação do povo brasileiro, ao longo de toda história. Nele tratava-se de questões como

escravidão, dezimação de cultura, que tanto afetaram estes ciclos de transformações, conseguindo-se chegar à construção de um painel rico, e abrangente desta nação que, devido à sua própria formação, é aberta à convivência com todas as raças e todas as culturas e porque assentada na mais bela e luminosa província da Terra. Ou, como brilhantemente compôs o poeta Torquato Neto nos versos Musicados por Gilberto Gil na canção “Geléia Geral (1968):

*“O poeta desfolha a bandeira
E a manhã se inicia
Resplandente, cadente, fagueira
Num calo girassol com alegria
Na geléia geral brasileira
que Jornal do Brasil Anunciou”.*

Este foi um texto muito interessante, nos fez conhecer melhor a formação da nossa própria cultura e identidade.

Outro texto interessantíssimo e que veio a acrescentar nas outras disciplinas foi o “Comemorar?” (Chauí, 2000), falando que desde os primórdios da colonização de nosso país, somos vitimados por uma sociedade doentemente autoritária, extremamente manipuladora, sacramentadamente preconceituosa; o passar dos anos serviu somente para “aperfeiçoar” aquele lapidar de “Cultura Senhorial”, tornando o mais forte e servindo de base e instrumento para o poder dominante aplicar suas propostas de exclusão, adaptando-o às suas necessidades de dominação e opressão.

Melancólico é se constatar que essa “sociedade do bem estar”, egoísta e bloqueadora, é a sociedade que nos comporta, que estreita e comprime nossas existências, impedindo que a quase totalidade da população alcance o mínimo que lhe possa garantir a subsistência e não possibilite a realização dos anseios que são mais caros. Este foi o texto que mais me chamou a atenção (nesta disciplina), pois além de fazer um elo maior de ligação com as outras disciplinas ajudou a entender determinadas coisas que ainda eram obscuras”.

Não posso deixar de relatar aqui um fato marcante ao final deste semestre; a análise de dois filmes: “Oitavo dia quando eu descansar” e “Uma Lição de Amor”. Esses dois

filmes falavam de pessoas “diferentes” com algum tipo de problema que mudaram a vida de outras. E nós muitas vezes excluimos pessoas sem problema algum somente por não pertencer a mesma raça ou não ter a mesma cor. Infelizmente nós “homens” temos a infeliz mania de dizer o certo e o errado, de colocar as pessoas no lugar que achamos que elas necessitam estar, não respeitamos opiniões de deficientes principalmente, julgamos incapazes, e em ambos os filmes mostrou-me o olhar diferente deles em sentidos diferente.

Essas são algumas memórias, do momento em que eu comecei a me apaixonar por aprender, o momento em que comecei a descobrir um novo mundo.

O cansaço não vence a vontade de continuar

*“Cada dia é o ponto de partida para uma nova vitória...
Não importa o que se perdeu antes”.*
Evaldo Alencar Reis

No andar dos acontecimentos me deparei com a disciplina de Pensamento Filosófico e Educação, muito importante para mim. Talvez seja por não ter dado a ela no início seu real valor, ou pelas seqüelas que esta me deixou no magistério. Portanto, percebi que havia crescido muito e comecei a dar maior importância a ela.

Inicialmente perguntava-me, o que é filosofia? Essa questão não muito difícil de ser ouvida porque todos acham que ela não serve para nada, como eu no início, em nossa sociedade costumamos considerar que alguma coisa só tem direito a existir se tiver alguma finalidade prática, muito visível e de utilidade imediata.

O conhecimento filosófico é um trabalho intelectual. É sistemático porque não se contenta em obter respostas para as questões colocadas, mas exige que as próprias questões sejam válidas e em segundo lugar, que as respostas sejam verdadeiras, estejam relacionadas entre si, esclareçam uma às outras, formem conjuntos coerentes de idéias e significações, sejam provadas e demonstradas racionalmente. Esperando-se assim da filosofia a sabedoria interior.

A partir de então ouvi uma frase, durante a aula de filosofia que levo comigo sempre na prática de sala de aula:

*“Ensinar bem é ...
saber fazer perguntas.
Ensina-se bem a fazer perguntas sendo um bom perguntador”.*
(professor de Filosofia – José Sérgio USP).

Aprendi que filosofia deve ser algo a ser desvendado, pois não pertence a ninguém (os amantes do conhecimento é que desvendam o conhecimento). Será que todos amam?

Fomos colonizados pelos europeus, logo temos uma cultura grega (os gregos diferente dos chineses iam além da sexualidade).

O capitalismo nasce através desta cultura grega.

Filosofia fez-me afastar do senso comum. Comecei a questionar mais as coisas, querer saber mais. Aprimorei meu olhar diante do mundo.

Ao deparar com a questão de homem refleti nos seguintes aspectos: devo estar aberta para minha própria concepção de homem, considerando o processo histórico e social da criança (tempo, lugar, estrutura social), refletindo sobre a influência que exercemos sobre as crianças, reprimindo a idéia de impotência, incompetência, inacabamento que permeiam nosso trabalho pedagógico, enfatizando a criatividade, iniciativa, procurando a melhor forma de compreende-los e também estratégias de lidar com eles.

Acompanhando a disciplina de Filosofia estudamos também a Disciplina de Pensamento Sociológico e Educação que deu ênfase aos estudiosos Durkheim, Weber e Marx.

Uma falha que acredito ter ocorrido durante esta disciplina foi de ter estudado demais Durkheim e somente ter passado por Weber e Marx, principalmente este último que relegou tantas coisas para lutar pelo bem da humanidade, tentando fazer com que mudasse o olhar das pessoas. Acredito que seu enfoque deveria ter sido maior.

Do mesmo modo que me perguntava o porquê estudar Filosofia tinha a mesma dúvida com relação à Sociologia, o porquê estudá-la e para que. Só no decorrer percebi a sua importância que é de nos armar de conhecimentos, para que os mesmos contribuam no processo de transformação educacional. A necessidade do conhecimento específico em questão resulta no fornecimento de dados específicos para a transformação do conhecimento de causa. Sendo assim, o professor consegue construir conceitos através de seus conhecimentos adquiridos de forma que, a mudança ocorra no sistema educacional.

Foi a partir daí que começamos a estudar Durkheim que era um sociólogo, francês, tinha como visão, dentro da educação, a garantia da ordem social, a socialização era considerada importante, porém tudo dentro das normas. A educação era um objeto privilegiado, pois tratava-se da socialização da jovem geração que a precede tudo era social na educação.

Em seu projeto, a escola representava um desafio e um meio eficaz de difusão. Tinha interesse em desenvolver e ensinar a moral laica, “autônoma frente a religião”. Segundo Durkheim a sociologia que edificava só tinha sentido se pudesse contribuir para uma mudança social, sendo ela fundamental para a formação dos professores. Era necessário, porém, observar seus objetivos como ordem prática, analisando o sistema de ensino, a história e suas funções, os conteúdos e ideais mobilizando os professores, ou dando-lhes a fé pedagógica. Visava atingir a hegemonia, priorizando a instituição escola, moldando os alunos com padrões estabelecidos. Sendo que aqueles que não se encaixavam nos padrões eram excluídos como são até hoje.

Ao relacionar Durkheim com nossa educação do presente ainda percebemos posturas de professores que têm como objetivo em sala de aula a ordem, e que acredita que todos devam pensar igual saber as mesmas coisas, e quando apresentam alguma dificuldade são excluídos, uma maneira de pensar que como vimos anteriormente muito parecida como o modelo tradicional de ensino, vimos imagens que nos deu uma visão maior no filme “The Wall” (de Pink Floyd), que mostra nos imagens semelhantes a de máquinas moldando crianças e que para mudar isso precisamos quebrar barreiras grandiosas.

Como professora, percebo muitas vezes, minha postura Durkheimiana ao trabalhar em escolas que tem como ordem o modelo de fila e na da conscientização do porque as crianças devam entrar andando em suas salas, a disposição de carteiras, meus alunos tem liberdade para sentarem onde quiserem, ou onde se sintam bem, acredito que com o olhar voltado a este

filósofo eu e minhas colegas fomos percebendo nossa postura e como é difícil enxergá-la mas que é preciso começar a ver além, mudar o nosso olhar, para que no futuro as crianças não sejam mais submissas, façamos com que nossos alunos cresçam críticos.

É difícil hoje em dia educar nossos filhos, porém antes que as pessoas confundam como muitos confundem formar cidadãos críticos não é o mesmo que formar cidadãos irracionais, sendo que possam fazer o que bem entendem. Acredito que isso ainda não é claro para os professores, e para mim apesar de parecer bastante claro, é difícil na postura de professor muitas vezes não se importar e dizer “aqui quem manda sou eu”, pois nem nós, nem os pais de nossos alunos ainda não conseguimos absorver essa concepção de homem, mas acredito, se eu “professora” estiver aberta para esta construção aos poucos conseguiremos reverter o jogo.

Uma atividade que fizemos interessantíssima foi um trabalho realizado com o livro do Pinóquio no qual comparamos com os estudos de Durkheim e trabalhamos da seguinte forma:

O livro traz grande ênfase na figura masculina (menino sempre mais inteligente), o desejo do pai em ter um filho perfeito, bom e obediente. A Criança sempre deve satisfazer os desejos do pai e da sociedade para que não seja excluído dela. Sendo que sempre deve fazer o que a família almeja para ele e nunca aquilo que ele deseja. A escola era vista como um dever (prazer jamais permitido), quem não estuda taxado de “burro”, a diversão fica para os vagabundos. Ela era prioritária na formação da criança (ajuda a se encaixar nos moldes). Os valores eram inseridos num contexto de compensação. A fada representa a sociedade (o social/bom), representava o lado mãe (mulher/pacificadora) . A baleia no livro foi utilizada como máquina de processar (transformou Pinóquio em um menino bom).

Baseado no que citei acima acredito ter mostrando o quanto um simples livro de literatura infantil pode nos influenciar tanto na formação do cidadão e o quanto nós podemos aprimorar nosso olhar, torna-lo mais apurado fazendo nos análise que nos faça refletir o

quanto a sociedade é cruel, e quanto ainda temos que lutar para que no amanhã possamos ser menos repressores, como professora das séries iniciais hoje sinto muito mais responsável pela formação dos alunos e presto mais atenção naquilo que procuro passar para eles (analiso estes livros de literatura com outros olhos antes de levar para o cotidiano de minha sala de aula).

E assim como está fizemos análises sobre outros textos nesta disciplina e continuei a perceber o quanto meus olhos eram vendados e como hoje consigo perceber coisas diferentes (entender políticas educacionais que não entendia, entender ações de nossos diretores, coordenadores e das outras pessoas submissas a essa sociedade).

Uma análise a qual resume o que tentei dizer acima foi a que fizemos referente ao texto “último broto” nela percebemos o quanto nós (classe de professores) batalhamos para inovar mas nem sempre conseguimos atingir nossos objetivos e matamos nossas idéias mesmo antes de inicia-las. Não temos coragem de plantar sozinhos somente no grupo. Somos movidas por correntes conservadoras, muitas vezes nos enganamos com nós mesmas, fingindo uma mudança para um paradigma emancipador, e quando procuramos segui-lo desistimos por sermos podados durante o caminho. Pergunto-me: o que será dessas crianças amanhã? Se nem nós professores conseguimos nos definir em nossa prática, pois muitos já dizem sou construtivista e deixa a mercê seus conhecimentos tornando sua aula uma grande libertinagem; outros adotam a prática tradicional e massacram seus alunos em conteúdos fora da realidade. Eu, professora em formação, estou buscando atingir objetivos que façam nossos alunos construtores de seus próprios conhecimentos, que encarem a escola de maneira prazerosa, e que nossos erros diminuam. Aprendendo e não só mediando essa aprendizagem, crescendo com nossos alunos. Um broto em formação!

Analizamos outros filmes relacionando a Weber e a Marx, no qual este último me chamou demasiadamente a atenção por lutar pela igualdade, pela justiça e não ter medo da sociedade cruel, acolhendo os mais fracos levando a eles muito mais que saciar a sua fome e

sim saciar-lhes a fome de justiça e tentar mostrar-lhes que eles tinham direitos e que esses deveriam ser respeitados. Este diferentes dos outros (Durkheim/ênfase na Ordem e Weber/ênfase na Dominação) discutiu a sociedade capitalista (igreja/família e escola). Foi um grande estudioso do capitalismo. Enxergou à tempos atrás o que vivemos até hoje, a exploração, o massacre da classe dominante para com as classes mais exploradas. O processo de transformação para Marx é o que aconteceu comigo, consegui compreender (Não transformar o outro e sim a você mesmo), hoje vejo as coisas diferentes, não julgo mais as pessoas, não defendo mais este capitalismo selvagem que antes me vendava os olhos e sim luto sem medo por direitos, procurando alcançar objetivos por mais difíceis que sejam. Acredito precisar ler muito mais sobre Marx.

Estes Clássicos que estudei em sociologia também ampliaram meu olhar perante a sociedade, ao mundo a questão que também falo em filosofia, o homem a que quero formar.

Continuei ainda a estudar a Disciplina denominada Pesquisa Educacional, que dava ênfase à pesquisa; hoje precisamos de professores pesquisadores, aqueles que buscam o conhecimento constantemente, que acompanham as mudanças da sociedade.

Os textos: “O sensível olhar pensante” e “O Olhar Viajante” enfatizaram no seu decorrer a diferença entre o ver e o olhar, como é diferente um do outro.

Podemos dizer que ao olhar procuramos formas diferentes, ele pensa, reflete, interpreta, avalia, ele transcende as aparências e procura o que esta por trás. Ele percebe as diferenças (estabelece relações entre diferenças e semelhanças), remete imediatamente as atividades e virtudes do sujeito, atesta a cada passo nesta ação a espessura de sua interioridade. Investiga, indaga parece originar-se sempre da necessidade de ver de novo ou ver o novo. O olhar pensa, é a visão feita interrogação.

Já o ver obtém certa descrição e passividade, nele um olho dócil, quase desatento, parece deslizar sobre as coisas, e as espelha e registra, reflete e grava. Todo ato de ver implica em querer saber o que se vê.

Olhar o olhar do outro é refazer o caminho do pensamento entre o real e sua representação, Caminho que está sempre em processo, envolvendo o cognitivo, o afetivo, o social.

Olhar o olhar do outro é ato de leitura. E nem sempre está presente na escola. Nem sempre nós educadores desafiamos o olhar. Como no espelho, ele reflete as concepções de arte e de educação da sociedade que a pertence.

Aprender a ver significa perceber significantes diferenças relações entre variedades complexas. *“A evolução da aprendizagem vai do indefinido para o definido, não da sensação para a percepção . Não aprendemos a ter percepções, mas a diferencia-las. É neste sentido que aprendemos a ver”.* (Cardoso/ 1998).

O papel do educador é vital como mediador, como fazedor de boas perguntas que investiguem um olhar curioso. Também como criador de vínculos e de um clima pedagógico que permita a expressão exteriorizada, superando o medo do aluno de falar bobagem, organizando a subjetividade individual como ampliadora do conhecimento que se constrói no grupo, que se constrói no confronto com o outro que faz descobrir o que sabe e o que ainda não sabe. Também como provocador de desafios para encontrar novas respostas, tornando visíveis para o aluno o significado de zonas de desenvolvimento ainda potenciais. A pedagogia do olhar, pautada na arte e no ser simbólico e social qual a produz, se torna necessária hoje na formação de qualquer educador. É através dela que o educador poderá perceber os parâmetros e desvios de seu olhar, exercita-lo na leitura de significantes de fato, comportamentos e ações pedagógicas, na construção de sua competência.

Acredito ter deixado claro, a importância deste texto na construção do memorial a importância no seu discorrer, a questão do olhar e o papel fundamental de nós professores para que possamos diferenciá-lo e direcioná-lo para a construção do conhecimento de maneira não mais alienada para que amanhã esse mundo seja um pouco melhor.

Outra disciplina que estudei foi a de Teoria Pedagógica e Produção em matemática, me mostrou várias maneiras de fazer com que os alunos se interessem pelo ensino da matemática, muito abstrato para a maioria dos alunos que não conseguem entendê-la, e assim começam a detestá-la obtendo péssimos resultados.

As atividades que aprendemos durante nossos encontros, muitas vezes as utilizava em sala de aula obtendo bons resultados, me espantando muitas vezes com as descobertas e evolução dos alunos. Como professora não percebia o quanto estas atividades eram abstratas. Um exemplo que posso dar foi o trabalho com o material dourado, fizemos diferentes formas de desenho, copiamos no caderno para perceber a perspectiva, depois encapamos com papel alumínio e desencapamos para descobrirmos o tamanho da área. Fizemos uma série de experiências como estas: aprendemos a confeccionar Tangran, ábaco, e outros materiais que ajudaram no trabalho em sala de aula e o mais importante, os alunos gostaram. Lembro então a frase de Ruben Alves: *“Professor bom não é aquele que dá uma aula perfeita, explicando a matéria. Professor bom é aquele que transforma a matéria em brinquedo e seduz o aluno a brincar”*.

Outra atividade que contribuiu para minha formação foi à leitura do texto “Os sons da Floresta” – a professora propôs ouvir o inaudível em sala de aula. Foi o momento em que paramos para pensar nas qualidades que são importantes para o professor como ser observador, carinhoso, atencioso, e que envolvam o lado afetivo, pois antes de qualquer coisa é muito importante que tragamos nossos alunos para dentro da sala de aula com prazer de estar lá, não somente pela obrigação. Fazer com que a criança goste de participar. Respeitando

assim as diferenças de cada um. Foi então que percebi que somente depois de ouvir o som do inaudível, com certeza teremos profissionais da educação capazes de atingir todos os alunos:

“Apenas quando aprende a ouvir o coração das pessoas, seus sentimentos mudos, os medos não confessados e as queixas silenciosas, um administrador pode inspirar confiança a seu povo, entender o que está errado e atender as reais necessidades dos cidadãos. A morte de um país começa quando os líderes ouvem apenas as palavras pronunciadas pela boca, sem mergulhar a fundo na alma das pessoas para ouvir seus sentimentos, desejos e opiniões reais”. (trecho do texto os sons da floresta, apresentado em uma das aulas de matemática).

Os escritos acima são fatos importantes na minha formação, os textos quais mencionei fez-me relacionar teoria com prática, na qual deve ser levada muito em conta.

Quando falo do aspecto afetivo este é o essencial, conquistando o aluno tudo fica mais simples, amar aquilo que faz é primordial na vida de qualquer ser humano.

Cada novo dia permite que se aprenda algo novo

*“Muitos teriam alcançado a sabedoria
Se não acreditassem que já eram suficientes sábios”.
Provérbio Chinês*

Começo a falar de Artes uma disciplina que para tantos professores nem um pouco fundamental para a formação do ser. Mas para mim essencial, pois sou apaixonada (dança, teatro pintura, etc), e comecei a olhar esta como enriquecedora da arte de ensinar, arte em sala de aula, ou melhor, a contribuir para a evolução do aluno no lado artístico, fazendo-o enxergar algo além de desenhos como um patinho no lago do lado de numa casinha, fazer com que ele viajasse nas obras de artes de famosos pintores, não como copistas de sua arte mas como se pudessem passear dentro destas obras e criarem suas próprias. Não para que se tornem pintores, mas sim apreciadores e saibam dar a arte seu devido valor.

“...Feita para o homem mergulhar dentro de si mesmo trazendo para fora e para dentro os outros homens as emoções do próprio homem. Sabe o homem que as emoções é que são o sal da vida. Por isso é quando um homem quer falar ao coração dos outros homens ele o faz pela linguagem da arte. Quando isso acontece, naquele homem sente e age o artista”. (Martins e outros²)

Através desta expectativa, trabalhamos durante as aulas com dinâmicas variadas dando ênfase, a arte. A primeira dinâmica foi muito interessante , ela trabalhava os sentidos: “colocamos os nomes em um saquinho, e cada um de nós alunos, sorteamos uns aos outros e tínhamos que responder as seguintes questões; se esta pessoa que sorteei fosse uma música seria...se fosse um cheiro seria; se fosse um sabor seria... se fosse uma imagem seria...se fosse um tecido seria...; e então as pessoas começaram a escrever de seus colegas e a cada revelação era uma surpresa pois muitas vezes as pessoas conseguiam falar de sentimentos que antes não conseguiam e expressar ao colega; foi então que esta disciplina mais me chamou a atenção. Nós professores temos uma arma tão grande para aproximar uns dos outros fazer com que um conheça melhor seu colega, fazer com que a classe interaja de maneira prazerosa, confesso ter

me impressionado bastante”. Esta aula terminou com uma prece irlandesa acompanhada de um chocolate bis: *“Que a estrada se abra a sua frente. Que o vento sopra levemente às suas costas. Que o sol brilhe morno e suave em sua face. Que a chuva caia de mansinho em seus campos. E até que nos encontremos de novo. Que Deus lhe guarde na palma de suas mãos”*.

Ao assistir o filme “Mister Holland- Adorável Professor”, fez nos refletir sobre a prática diária e o tratamento que damos aos nossos alunos e filhos.

A leitura mais significativa foi, nesta disciplina, a do texto concepções e práticas artísticas na escola, na qual fizemos relação com aquilo que os professores fazem com a arte e escola e o que deveria realmente ser feito. Trabalhamos com ela num sentido disciplinador para distrair e acalmar. Sendo que *“ela ajuda no desenvolvimento emocional e social da criança, para estravar emoções, impulsionar imaginação e a criatividade. Benefícios que somente ela pode oferecer para a educação”* (Vicent Lanier/1984). Contribui também para a formação geral dos alunos. Desenvolve a auto-estima, sentimento, empatia, autonomia, simbolismo, analisar, avaliar, pensamento mais flexível, senso estético, expressam melhor seus sentimentos e idéias, passam a compreender relações entre as partes e o todo, compreendem que pelas artes conhecem e interpretam o mundo de maneira diferente.

Acredito que apesar de gostar muito de artes percebi o quanto ela está inserida nas outras disciplinas, o quanto pode contribuir para o desenvolvimento destas. Aprimorar o olhar de meu aluno não só ajuda na vida como faz bem para a alma.

Quando direcionamos o olhar para a disciplina de História me dei conta que havia uma história a se trabalhar bem mais interessante do que as que nos restringimos nos livros didáticos.

Um trabalho interessante foi a análise sobre contos de literatura infantil o quanto eles podem ajudar no ensino de história é claro, de todas as disciplina, mas a “história que estamos

² História da Arte, do livro “A Linguado Mundo”, Miriam Celeste Martins e Outros FTD

acostumados a ver na escola é a do descobrimento, da minha origem e durante as quatro séries iniciais a mesma se repete nos livros didáticos e os professores não fazem o mínimo de esforço para mudar isto em seu planejamento, acham que aquilo é suficiente e as crianças acabam sempre dizendo “eu detesto História”. Acredito que se conseguirmos fazer com que as crianças respondam a questão “Para que história?” será muito mais prazeroso tanto ensinar como aprender história e esta terá um significado real a nossos alunos.

Outra leitura que contribuiu demasiadamente nesta disciplina foi a tese de Mestrado escrita por uma aluna da UNICAMP (Simone) ela partiu da hipótese que é imprescindível o aluno conhecer novas representações sobre o mundo. O canal que oportunizou um trabalho centrado na busca do entendimento e na formação do imaginário, foi o rico contexto dos contos de fada, que também possibilitou confrontar o passado e o presente na criança, abordando os contextos sociais e históricos do momento e identificando as semelhanças e diferenças entre épocas históricas. É possível confrontar o trabalho que foi significativo, levou os alunos a construir uma nova visão de interpretações dos contos de fadas, percebendo o movimento dialético do tempo que sofre modificações.

Assim como História a disciplina Psicologia da Educação também viabilizou-me, um crescimento intelectual .

O texto de Priscila Laroca, que fala da psicologia na formação de professores, foi o que fez relacionar a importância da Psicologia em minha prática pedagógica.

Enquanto instrumento eficaz na formação de professores, a psicologia manifesta-se digamos como uma força propulsora, a alavanca que traduz como atividade concreta e inteligente do professor, permitindo um completo inter-relacionamento entre teoria e prática. Afinal, na busca por fazer da educação um instrumento de transformação da sociedade, há que se valorizar o conhecimento psicológico que envolve todo o fator social: a contribuição da “humanidade” do aprendiz, sua realidade suas capacidades e limitações. Ora, toda essa

articulação do educando deve ser captada como forma de relação pedagógica. Isto nos conduz à constatação de que somente a formação psicológica consegue estabelecer um suporte correspondente ao professor para atingir plenamente, o seu objetivo educacional tomando como base o seu projeto “escola sociedade”.

A escola é a reprodução do que acontece na sociedade e vice-versa. Dentro deste exemplo como professora reflito, qual a Psicologia que quero dentro de minha escola. Uma que atenda aos interesses e objetivos do Estado ou uma que atue na Formação de professores, para que possamos com mais eficácia, assumir um compromisso com as camadas populares.

Com quem será que estamos realmente comprometidos? Será que é com nossos alunos? Ou com interesses impostos pelos governantes?

Faço tantas coisas que quando me confronto com a realidade, percebo para qual interesse estou de fato comprometida e percebo a máscara ideológica que carrego, mudando muitas vezes a prática (metodologia) e não re-avaliando minhas concepções.

Não podemos esquecer que a psicologia sai do muro da escola para compreender a subjetividade humana, cabendo a nós uma reflexão sobre esta subjetividade.

Ao pensar em educação não se pode esquecer que ela está inclusa em nosso contexto social-político. Pois educação, não é um serviço isolado. O ensino e o desenvolvimento estão inseridos em todo contexto histórico.

Ao chegar à conclusão, que vivemos em uma sociedade hipócrita, temos que nos ater e refletir criticamente sobre a formação de professores questionando-nos: Há quem formar? Há favor de quem nós formamos? Para que formar? Contra quem nós formamos?

Quando questiono a respeito deste assunto percebo o quanto somos alienados achando que trabalhamos para a transformação.

Todas estas constatações encaminham-se para um questionamento de máxima importância: quais as maneiras para se efetivar uma abordagem crítica no ensino da

Psicologia da Educação? Impossível deixar de se ater ao fato de que os conhecimentos científicos da Psicologia buscam, às vezes, ou quase sempre, propiciar o favorecimento de algum tipo de interesse. Desse modo, como ciência formadora aliada à educação, a Psicologia deve ser tratada como elemento de ruptura com conceitos pré-estabelecidos e que atuam, insatisfatoriamente, junto a educandos e educadores, evitando, por conseguinte, recair no risco do doutrinário puro e simples, inócuo e ineficaz. Deve procurar atrelar-se à concepção de que é na relação teoria/prática que o trabalho de formação de professores consegue estabelecer-se como trabalho consciente, dinâmico, multifacetado e multideterminado em sua essência, ou seja, na tarefa de estabelecer uma satisfatória relação ensino – aprendizagem. Dando seguimento a esta linha de pensamento, compreende-se que o ensino crítico na Psicologia da Educação deve passar, obrigatoriamente, por todas as possibilidades de sistemas de ensino oferecidos aos educadores a fim de que se transformem, os mesmos, no centro de toda ação reflexiva e revolucionária.

Deve-se pensar, sobretudo na Psicologia da Educação como fonte produtiva de conhecimento Psicológico – Educacional que inclua uma formação firmemente ligada em responsabilidades sociais e com o propósito da divulgação e da socialização destes mesmos conhecimentos. Ou seja, uma completa formação deve aliar-se a um complexo aprofundamento, que inclua pesquisas, por exemplo, e consiga chegar ao desenvolvimento de múltiplas habilidades, pois o fato de buscar apreender e compreender a realidade, interpretando-a, à luz do conhecimento, transforma o educador observador e oportuno questionador desta mesma realidade. Parte em seguida para atuar como “interventor” nessa realidade que pretende modificar/ revolucionar/ reinventar, sabendo entretanto, que, na caminhada da prática educacional, o compromisso com o objeto final – o ensino eficaz para o aluno – deve ser perseguido e conquistado numa atitude que envolva o pensar e o fazer, envolvendo esse, que tão bem, a Psicologia da Educação consegue trabalhar.

Chego enfim a seguinte conclusão: só mudando nossas concepções é que podemos transformar e mudar nossa prática, tornando os alunos críticos e reflexivos, e quem sabe o Brasil de amanhã poderá ser um pouco mais humano, um pouco mais justo. Tudo isso compete a nós professores, a nossa formação, pois formar professores não é apenas fazer um curso de graduação, um cursinho fornecido pelas prefeituras, mas, estar em constante reflexão sobre nossa prática e sobre os alunos.

Ao refletir sobre a Psicologia na formação de professores, lembro da disciplina de Avaliação. Nela percebi as injustiças que cometo diante de meus alunos, aplicando severas punições devido ao não entendimento de uma matéria, ou por cumprir um calendário para mostrar na reunião de pais, alunos que são bons ou ruins.

As propostas Pedagógicas são maravilhosas no papel, porém as escolas não sabem aplicá-las por inteiro. Trabalhamos conteúdos diferenciados e avaliamos a sala como se fosse homogênea. O SARESP é um exemplo desta incoerência.

O texto “Campos e Caminhos da Avaliação” (José Dias Sobrinho), fala sobre os ditadores de regras impostas pela sociedade capitalista, onde todos os demais devem segui-la tem um fundo político. É o Estado que direciona a avaliação na escola. Inclusive todos os tipos de avaliação passa pela área econômica.

Podemos observar nas escolas que se muda a metodologia, porém não se muda a avaliação, esta muito complexa (possui vários conceitos). E para entendê-la temos antes que entender o processo histórico e cultural.

As mudanças acontecem sem nunca estarmos preparados.

A escola é organizada em rotina, funções, regras, hierarquia, divisão de classes. Para cada momento a economia ditou um modelo de escola. Com esta organização surgiu provas, testes (burocrático para ver onde vai servir no social).

O discurso utilizado dentro da escola, seleciona os bons/ruins, esforçados/preguiçosos, etc...

A cada década foi se atribuindo os fracassos da escola um determinado grupo : até nos anos 60 era atribuídos a psicologia (ditava regras/medidas), foi então que as concepções educacionais tiraram a psicologia do jogo; após os anos 60/70 o problema era encontrado na família, criou-se então as pré escolas/ creches para contribuírem na educação das crianças, o discurso era todos devem ir para a escola (estado do bem estar); já nos anos 80/90 foi atribuído a má formação do professor (crise econômica neoliberal) escola para todos (qualidade controladas através de provas ENEN, SARESP,...).

Então, como o Estado iria avaliar? Precisava de um manual para orientar o professor na concepção proposta por ele, surge então os PCNs!

Sendo assim para investir dinheiro o Banco Mundial precisa de resultados. Usando assim o método quantitativo e não qualitativo, pois estes somente surgem mais interrogações e o quantitativo direciona aos números, seleciona os melhores dos piores, cobra responsabilidades, controla, premia, pune,... As pesquisas são objetivas, fieis, imparciais. Não interfere na realidade e não confunde como avaliador.

Nos últimos anos o neoliberalismo exige a qualidade total às escolas formam mercadorias para o mercado de trabalho. Os amigos da escola junto com outros programas de voluntariado surgem para acobertar o governo em trabalhos que deveriam ser realizados por ele.

Passei a observar todo poder manipulador da escola. O porquê educamos nossos alunos e para que fazemos, confesso ter ficado chocada ao me dar conta das minhas concepções anteriores. Lembrei da fala de Soares em Memorial, quando fala no tempo em que lecionava, no início de sua carreira procurava deixar seus alunos em conflito e nunca dar-lhes as respostas, é assim que sinto até hoje e me pergunto; será que estou conseguindo

mudar a forma de avaliar meus alunos? Será que estou preparando-os para o mercado capitalista selvagem que seleciona seus funcionários, atribui a culpas a eles mesmos, como o discurso neoliberal “quem quer trabalhar tem que se esforçar, tem que saber tudo e fazer de tudo”. Ainda ficar feliz com o baixo salário no fim do mês, que mal dá para se alimentar e tendo que agradecer a Deus por ter conseguido, afinal quem não se esforçou foi ele , é assim que aprendemos e continuamos a pregar nas escolas?

No ensino fundamental tive uma professora que dizia em todas as aulas: “Quem não estudar no futuro, ficará colando cabinhos em xícaras nas fábricas”. Ouvia, isso todos os dias, a única coisa que ela não parou para observar é no que realmente nós alunos queríamos aprender, pois havia uma outra professora que realizava feiras de ciências, essa muito bem recebida por todos. Este exemplo que coloco não é para julgar esta ou aquela professora é para mim, refletir e pensar que partindo desta forma de pensar, devo procurar aprender com meus erros e cada vez procurar fazer que se quebre barreiras, que a escola não seja apenas um modelo, mais sim um lugar onde se consiga transformar os alunos.

Conhecemos um livro “Com Olhos de Crianças” de (Francesco Tonucci) que mostra o que fazemos com as crianças em casa e na escola, a forma que avaliamos e não enxergamos. Este livro fez com olhasse realmente as coisas que acontecessem. Como se eu não percebesse. Crescemos condicionadas pela sociedade a cumprir seus interesses, temos que despertar e tentar mudar.

Em uma das aulas a professora sugeriu “entre em sua sala ajoelhado como se fosse a criança e passe a enxergar também o seu lado, o que ela vê e que sente quando, são humilhados e ordenados em sala de aula, por professores que muitas vezes não conseguem enxergar o óbvio”.

Esta bibliografia sugerida para esta disciplina foi excepcional, acredito ter sido a que mais ajudou durante esta formação.

Aprender é Mudar

*“Mestre não é quem sempre ensina
Mas quem, de repente, aprende”.*
Guimarães Rosa

No andar desta trajetória me deparei com a disciplina de Teoria Pedagógica e Produção em Ciências e Meio Ambiente. Onde uma atividade interessante fez remeter-me a sala de aula.

A história de uma aluna, de um aluno e de uma professora o olhar de cada um deles cada um com seu ponto de vista, me dei conta dos olhares diferentes das pessoas, dependendo o seu lugar na sociedade. Parei então para pensar, que apesar das boas intenções desta professora para com seus alunos nem sempre eles estão interessados em assuntos tão distantes de suas realidades, assuntos que nem sabem se no futuro irão usar para algo.

Ao relatar esta atividade paro para perguntar, o que realmente os alunos querem aprender? O que estou fazendo de errado? Será que eles compreendem minha fala? Comecei a analisar, e acredito que devo sempre reavaliar minha prática pedagógica, para que esta atenda o interesse de todos na sala de aula.

Políticas educacionais e Reformas Educativas, uma disciplina que me chamou muito a atenção.

As atividades me direcionaram para os caminhos certos, a primeira e que mais me interessei foi à análise das músicas relacionadas às Políticas Públicas, na qual antes não tinha um olhar tão específico, percebi o quanto cada uma queria nos mostrar e nos mostra até hoje.

A música escolhida por meu grupo foi a da legião Urbana “Perfeição”, nós produzimos um curta metragem, enfatizando os problemas sociais ocorridos de acordo com a música e assim se sucedeu os demais grupos, com apresentações de teatro, paródias, e uma série de outras atividades.

A segunda atividade foi uma análise de três textos (Moraes, Candau e Torres). As anotações, sobre os textos, viabilizou um olhar direcionado ao Banco Mundial, este tem influências avassaladoras em nosso país, principalmente em nossa educação. Pude perceber com mais clareza a influência das Políticas Públicas na Educação.

O artigo, no qual concluímos a disciplina, foi uma pesquisa sobre o Ensino Fundamental dando ênfase na parte relacionada ao FUNDEF.

Ao escrever um artigo, compreendemos o porque destas políticas, que a cada minutos estão se transformando, mudando apenas quando há interesses de elites e forças poderosas como a religião, nunca coloca o principal interessado em primeiro lugar “o aluno”.

Está disciplina fez com que conseguisse estruturar meus entendimentos e avançar assim, mais um passo deste aprendizado .

Outra disciplina bastante interessante foi a Educação de Criança de 0 à 6. Iniciamos com dois textos muitíssimos interessantes escritos por Ariès.

Os textos falavam sobre a sociedade tradicional na qual a criança e o adolescente era vista de maneira que, misturada aos adultos não fazia diferença alguma, pois para ser considerada como pessoa tinha que conseguir sobreviver até uma certa idade- índice de mortalidade alto - depois desta idade já se misturavam aos adulto e eram tratados como tal. Esta mistura com os adultos se dava tanto no trabalho, quanto no lazer.

Estas crianças pulavam a etapa da juventude que talvez fossem praticadas antes da idade média e que se tornaram aspectos essenciais das sociedades evoluídas de hoje.

A educação escolar somente era destinada ao clero. E a grande ênfase que as famílias davam era a conservação do patrimônio. O sentimento de família não existia em relação as crianças - (enquanto bebês eram apenas paparicados as escondidas pela mãe ou ama de leite).

Foi-se então, percebendo que era necessário cuidar mais da criança e para isso a sociedade começou a se modificar. A criança começou aparecer mais dentro do contexto histórico (criança começou a ter um lugar social junto às famílias – já não se misturavam tanto aos adultos, percebendo assim que o mundo adulto corrompia a inocência das crianças. Tendo agora estas famílias mais responsabilidades com as crianças – surge então o sentimento mais forte de família).

A infância passa-se então a ser o tempo da inocência e da pureza. Às crianças, precisam ser preservadas da sociedade, para não serem corrompidas; elas passam historicamente a serem reconhecidas como seres diferente dos adultos na medida em que tem ritmos de crescimento, comportamento e individualidade própria.

O texto “Cultura Infantil” completa falando das mudanças após século XX sobre a estrutura familiar que ficou diferente. Hoje, as crianças são esquecidos em casa (estão se desenvolvendo por si só), isso sem contar na pobreza que muitas vivem.

O tempo reservado pelos pais para as crianças caiu de 30 para 17 horas semanais. Aumentando o tempo de abandono e afastamento, as crianças contemporâneas se voltaram para a TV e o Videogame como forma de preencher o tempo sozinhas.

Podemos analisar o filme “Esqueceram de Mim” no qual o menino Kevin não está apenas só em casa – mas também socialmente. Tais realizações não estão nas mentes conscientes dos cineastas. Na aparência, os McAlister vivem numa comunidade desejável e são, uma família perfeita (Família século XX – fisicamente juntos na cultura e emocionalmente fragmentados – abrigam-se dentro das cabinas virtuais de isolamento – o isolamento que leva a desesperança, à impotência e ao tédio).

Este mesmo filme mostra o filho indesejado – a mãe sempre culpada pelo abandono. A descarga inconsciente do menino nos bandidos. O status cultural – Kevin e a mulher dando comida aos pombos (ambos rejeitados).

Partindo de um contexto acadêmico, “Especialistas da Infância” e estabelecimentos populares de educação dizem que as crianças precisam ser instruídas para seguir direções, assegurando de que instituições como escolas se tornem incapazes de acomodar mudanças como se regredissem a um estado de equilíbrio que é inflexível.

Devido à incompatibilidade e deficiências que há entre pais e filhos as crianças começam a criar sua própria cultura – se moldando longe do olhar atento dos adultos, nas sombras.

Uma grande marca desta infância pós moderna, é que com a saída dos pais para trabalhar fora a sobrecarga de obrigações aumentam para as crianças. Tornando-se adultos em miniatura, não escapando da influência da mídia e da saturação eletrônica. Desta maneira uma mídia onipresente produz uma hiper realidade que reaproxima o real com algo mais simplesmente dado, mais artificialmente reproduzido como real (troca de identidade com os adultos) – propaganda promove o desejo pelo consumo – idosos e criança assistem os mesmos programas. Por isso enquanto os pais se preocupam com a educação sexual dos filhos e as discutem nas escolas os filhos estão assistindo um tele jornal falando sobre estupro, portanto é incoerente nossas escolas tratarem as crianças como se não soubessem nada sobre o mundo adulto. Tornado estas arcaicas, fora da sintonia do tempo.

As crianças excluídas da participação ativa da ordem social, descobrem-se segregadas e supercontroladas pelas formas institucionais de controle social. Os supercontroladores posam como experts em crescimento, desenvolvimento, moralidade e educação infantil, com o seu psicodiscurso sobre as rígidas fases do desenvolvimento infantil e os parâmetros escritos da normalidade. Preparamos os indivíduos para uma sociedade ordenada com ênfase no controle.

As crianças ricas experimentam a hiperestrutura de desenvolvimento e habilidade, já as pobres, rotuladas – são tratadas e treinadas no esforço desviante para reduzir o caos e a

desordem em suas vidas. Em nome da ordem, a experiência das crianças pobres é burocratizada demais. Ao fazer um paralelo com o filme citado neste texto, Kevin um garoto, pós moderno é recriminado por não gostar da ordem. E assim deseja ficar longe de sua família – garoto excluído de uma sociedade burguesa por dizer aquilo que acredita. Sua condição no filme valida a experiência viva de uma geração, transformando, a criança indesejada em guerreiros ninja pré-adolescente. Se mais não houvesse, “Esqueceram de mim” é uma história de rito de passagem sobre um menino sozinho em casa, exposto ao perigo, citado que emerge vitorioso e transformado. Sua supressão na cultura, pós moderna americana no fim do século XX enfraquece nosso crescimento cívico, psicológico e intelectual.

As verdadeiras qualidades adultas que mais nos assustam em nossos filhos – paixão, energia visceral e força de vida, podem ser usadas como a base para uma educação infantil, pós moderna.

Com isso, compreendo como chegamos a infância dos dias atuais e o que ainda deve ser trabalhada com esta para que de uma vez por todas as crianças sejam apenas crianças e não transformadas em adultos em miniatura.

Esta sem dúvida, foi uma disciplina que direcionou-me para um olhar diferente aos meus filhos e alunos, me fez olhar com outros olhos a educação das crianças e o mais importante o porque os pais não conseguem mais educar seus filhos, porque não tem limites e não apresentam a “tal educação” tão cobrada pela escola e deixou uma lacuna para mim como educadora e mãe, pensar no que fazer, dentro desta educação que a cada momento histórico teve um enfoque, com a certeza que foi mudada devido aos seus interesses políticos de cada época.

Teoria Pedagógica e Produção em Geografia, apresentou as diferentes linguagens nas quais posso trabalhar, fazendo as crianças envolverem-se nos conteúdos apresentados pela escola.

A linguagem cartográfica foi uma das trabalhadas.

Ao trabalhar com mapas percebemos o quão distante este trabalho é para as crianças. Ao estudar e verificar o Atlas de Rio Claro, pude observar o quanto de informações precisamos para a compreensão dos elementos que formam um mapas e quantos tipos de mapas pode existir de um mesmo lugar vistos de formas diferentes ou abrangendo contextos diferentes.

A linguagens do desenho e das histórias em quadrinhos, linguagem que adequiei ao meu cotidiano, onde consigo que os alunos compreendam melhor conteúdos a serem abordados.

Relato aqui um trabalho que desenvolvi sobre zona rural e zona urbana utilizando a linguagem do desenho:

“Após muita discussão sobre o que é zona urbana e zona rural, pedi para que meus alunos, desenhassem um município onde pudessem visualizar tanto a zona urbana quanto à zona rural. A grande maioria dos alunos teve dificuldade em unir num só desenho a zona urbana e a zona rural, separando metade da folha para uma e metade da folha para a outra, conseguindo expor o que entendiam por este assunto (um aluno me disse- “- Professora na zona rural as casas são mais velhas, quebradas, assim olha (mostra o desenho feito). Neste momento percebi o quanto as imagens (fotografias de livros didáticos, mídia, etc) conseguem estabelecer certas formas para as realidade, como se meu aluno tivesse entendido, que na zona rural todas as casas são velhas e mal feitas e na zona urbana seria tudo mais organizado. Esta criança colocou no papel nada mais nada menos que o conhecimento prévio que tinha deste lugar. Pude a partir desta situação abrir uma discussão, construindo junto com eles como poderia ser, se todas eram daquela maneira ou não. Percebi o quanto à linguagem do desenho pode-nos ajudar a chegar até as crianças e descobrir o que já sabem.

Além do desenho, as fotografias também fez me direcionar, para um trabalho mais produtivo em Geografia, ela ajuda na educação do olhar e no entendimento do contexto estudado, portanto isto não significa que viver rodeada delas garanta o aprendizado e a interpretação das mesmas.

A imagem de certa forma, facilita a percepção visual e a fixação de conceitos que podem parecer abstratos para os alunos, além do mais a prática estimula a análise e a projeção de imagens. Este exercício é muito importante, para o estudo da geografia, que é por natureza, uma ciência da observação. Para que esta atividade tenha um resultado satisfatório é preciso que o professor tenha plena consciência de seu objetivo e estude as imagens para que tenha o resultado esperado, conseguindo mostrar o verdadeiro pensamento do autor ao analisar esta imagem, sendo assim serão educados para o olhar.

Não se aprende bem, a não ser pela experiência

*“Um professor afeta a eternidade.
Ele nunca será capaz de dizer quando
A sua influência se detém”.*
Henry Adams

Gestão e Planejamento, uma disciplina que direcionou meu olhar para dentro das instituições em que trabalhamos, observando assim o quanto as políticas educacionais influenciam neste sentido.

Ao escrever um artigo que teve por objetivo o estudo e a análise de uma gestão escolar. Realizei uma pesquisa, observando e relacionando o cotidiano de uma escola, da Região Metropolitana de Campinas. Este, foi pesquisado e escrito com intuito de compreender melhor a palavra “Gestão” e suas formas de ser executada. Poder diferenciar um “gestor” de um “administrador” escolar

Contrariando a visão mecanicista do trabalho vigente nos anos 20, o homem social substituiu o homem racional e a dinâmica de grupo entrou no rol dos temas de interesse dos administradores.

Meio século depois surgiram os Círculos de Controle de Qualidade e o “toyotismo”, consagrando, entre outros, o princípio do trabalho em equipe, do controle exercido pelos próprios executantes das tarefas e da operação industrial estruturada em células.

Essas linhas teóricas vieram para dentro da escola tornando-a de instituição, para negócio, onde os alunos tornam-se clientes, não se diferenciando de uma empresa. Essas novas competências para a vida social e produtiva no capitalismo exigem novo tipo de disciplinamento, que determinam modos de vida, comportamentos, atitudes e valores, exigindo um novo tipo de trabalhador que tenha novas formas de pensar, de viver e sentir, fortalecendo cada vez mais aqueles que detém o poder e os que dominam; assim a escola se transforma em aparelho de injustiça social.

“É nesse sentido que a hegemonia, além de expressar uma reforma econômica, assume as feições de uma reforma intelectual e moral”

Quaisquer que sejam os medos das elites e seus prepostos, não é mais possível conviver com o modelo de escola e ensino que herdamos do passado. O século XXI exige uma nova escola – inclusiva, dinâmica e radicalmente diferente – que, além de transmitir o conhecimento, tenha como papel primordial possibilitar uma socialização e o respeito mútuo, o desenvolvimento de valores éticos e a solidariedade, pois, sem uma mudança, como conseguiremos sobreviver em uma sociedade que cada vez se torna mais competitiva e individualista?

Através desses conceitos, analisei a visão de uma escola do município de Pedreira que, ao analisar o relacionamento da diretora com os funcionários, professores e a comunidade percebo que é muito bom. Porém quando há decisões há tomar, sempre prevalece sua opinião, tentando convencer os demais que ela esta certa. Isto acontece também, nas reuniões de conselho, sendo nesta escola o Conselho de comunidade, que também é influenciado pela opinião da mesma.

Através de pesquisas, percebi que ela se enquadra perfeitamente, em relação aos graus e níveis de participação, na *“consulta facultativa, onde a administração pode, se quiser e quando quiser, consultar os subordinados, solicitando críticas, sugestões ou dados para resolver algum problema. Quando a consulta é obrigatória os subordinados devem ser consultados em certas ocasiões, embora a decisão final pertença ainda aos diretores”*.

Conforme Paro (2001, p.153)

“[...] a administração Escolar verdadeiramente comprometida com a transformação social deverá estar, conscientemente buscando objetivos que atendam os interesses da classe trabalhadora [...]. A atitude dos responsáveis pela administração escolar não pode ser a de aceitação incondicional de tais determinações e de mera operacionalização das mesmas em nível da escola, mas, pelo contrário, de desvelamento dos verdadeiros propósitos a que servem e quando necessário, de sua reinterpretação social, o que quer dizer, com os fins especificamente educacionais da escola.”

Acredito que, a gestão democrática de uma escola é construída no dia a dia pelo que, direta ou indiretamente, vivenciam a educação. Ela exige participação de todos por intermédio da existência de colegiados e outros mecanismos institucionais. O pressuposto básico da gestão democrática é a concepção de educação como direito de todos. Portanto, os agentes devem participar das decisões e da implementação do que foi decidido nas escolas: governantes, gestores, professores, alunos, funcionários, pais e comunidade.

As rápidas mudanças ocorridas nas diferentes esferas sociais do século XX deixaram para o século XXI uma herança de conquistas no campo dos direitos do homem, mas também problemas que ameaçam toda a população do Planeta. O grande desafio dos tempos atuais é conviver com o mundo fragmentado e recriar um sentido para a condição humana, onde a violência, o desrespeito à vida e as diferenças sociais, são indicadores da carência de valores norteadores do convívio social.

Todavia, há um consenso quase universal, em relação ao papel fundamental que a educação pode vir a desempenhar na construção de uma sociedade da convivência, mais humana, mais solidária e mais ética. Em decorrência a escola, como instituição social ao lado da família, pode assumir um papel decisivo na discussão e na difusão dos valores fundamentais à construção dessa nova sociedade. Valores como a solidariedade, a tolerância e a ética nas relações entre as pessoas e contrapondo à discriminação, ao preconceito e à exclusão, estão cada vez mais presentes na cultura veiculada nas escolas. Para isso é importantíssimo que tais valores sejam, inicialmente, apropriados não somente pelos educadores que nela atuam, mas por todos os seus segmentos. Essa apropriação não se dá de forma automática, ela tem que ser ensinada e ser aprendida por todos os seus atores num processo contínuo e permanente de reflexão sobre a prática pedagógica que se tem e a que se quer construir.

Enfim, para que o processo pedagógico emancipatório aconteça teria que se estabelecer uma nova dialética que gere uma união flexível entre:

EDUCAÇÃO ↔ TRABALHO ↔ COMPETÊNCIA

Ao analisar esta gestão, acredito que só mudará algo dentro de nossas escolas, quando pessoas com ideais opostos ao capitalismo, a assumirem, lutando assim por ideais que não façam parte deste discurso.

Na disciplina Pedagogia da Educação Infantil foi dado continuidade à disciplina de gestão, voltado-se para a educação infantil. Direcionou nos também no sentido de como devemos agir dentro destas instituições. No que damos mais ênfase e no que deveríamos trabalhar mais. Embasando se nas teorias lidas durante o curso construímos uma escola; a ideal no meu modo de ver.

Iniciamos a construção da escola, imaginado tudo o que é necessário para um espaço ideal, a EMEI que sonhamos para nossos alunos e filhos. Pensamos em uma instituição que atendesse crianças dos quatros aos seis anos de idade. Por isso, começamos a ler os textos indicados e pesquisar nos referenciais de educação infantil, como seria este espaço. Pensamos assim no texto de Faria:

“A dupla alienação da infância, isto é, a criança rica privatizada, alienada, antecipando sua vida adulta através de inúmeras atividades; e a criança pobre explorada, também antecipando a vida adulta no trabalho, deve ser combatida fazendo da creche um oásis um lugar onde se torna criança, onde não se trabalha, onde se pode crescer sem deixar de ser criança, onde se descobre (e se conhece) o mundo através do brincar, das relações mais variadas com o ambiente, com os objetos e as pessoas, principalmente entre elas: as crianças”. (Faria, 1.999, p.72)

Pensamos assim, em fazer de nossa EMEI um local onde as crianças sejam construtoras de seu saber, construir aquilo que tenha significado para ela (unir o real – cotidiano – com a escola), tanto nas atividades lúdicas como nas outras atividades (leitura e escrita). E não projetar nela o que ela deva ser no futuro.

Pretendemos contribuir para a formação de nossas crianças , fazendo que aprendam e escolham de maneira que cresçam autônomas para que quando o momento chegue, ela assim

possa fazer suas escolhas e não viver para um dia poder ser adulto, quebrando enfim as barreiras que tornam a escola uma prisão, ou seja, na sociedade disciplinar há uma lógica de controle, o que faz as instituições ficarem parecidas umas com as outras, por isso o patrão reberverava e se parecia com o professor, como coronel.

Considerando que o espaço físico deva propiciar condições para que as crianças possam usa-lo em benefício do desenvolvimento e aprendizagem, pensamos primeiramente em uma ambiente adequado onde nossos alunos poderiam ter contato com o imaginário, lúdico, artístico, cognitivo, etc. Sendo que essas dimensões estão contempladas nos Critérios de Atendimento em Creches que Respeitem os Direitos Fundamentais das crianças. *“Brincar com criança não é perder tempo, é ganha-lo: se é triste ver meninos sem escola, mais triste ainda é vê-los sentados enfileirados, em salas sem ar, com exercícios estéries, sem valor para a formação do homem”.* (Drummond).

A partir de então começamos a planejar nosso espaço nos quais tanto no interior quanto ao seu redor deveriam ser amplas para propiciar o desenvolvimento das atividades, dando o máximo de autonomia para o acesso aos materiais. Tudo estaria ao alcance das crianças.

Considerando também que o brincar é uma das atividades fundamentais para o desenvolvimento da identidade e autonomia, existiriam espaços lúdicos para a área externa, onde as crianças tenham espaços para correr, jogar bola, etc. um espaço ideal para a mistura das idades. Além disso, um parque, um quiosque com brinquedos diferentes, que também poderia ser usado para apresentações para os pais, e para outras crianças, reuniões coletivas, brincadeiras com água, e um tanque de areia (contato com um elemento terra), que propicia muito a interação.

Foi assim que construímos nossa escola, pensando no como educar para a autonomia. Fazendo que as crianças interagissem uma com as outras e que suas famílias viessem para a escola, onde esta não seja apenas um lugar de aluno e professor.

Dentro desta expectativa *“a escola é o único espaço que as cidades... oferecem universalmente como possibilidade de reconquista dos espaços públicos e populares – domínio das atividades lúdicas e criativas. (Mayumi Souza Lima).(In:Faria, 1999,p.74)*

Nossas escolas se abrirão para fora. Das portas abertas nascerá o convívio com a cidade, a sala de aula se ampliando, subvertendo limites: UMA SALA DE AULA DO TAMANHO DO MUNDO. (Regina de Assis).”(In:Faria, 1999,p.74)

Será que estamos perto da realização deste sonho?

Sabemos que em alguns municípios os direitos fundamentais das crianças não são respeitados, pois, a organização dos espaços físicos, nas instituições de educação infantil estão bem longe de ser a escola ideal que relatamos, ao contrário são espaços improvisados. Não faz da escola parte integrante de sua vida. Embora saibamos que mesmo em espaços improvisados teremos que fazer valer os direitos das crianças (criando situações que propiciem esse desenvolvimento).

Portanto, o que nos cabe fazer?

Acreditamos que já começamos a fazer alguma coisa, uma vez que, temos a oportunidade de estudarmos esta disciplina, nos sendo permitido desenvolver um senso mais crítico, a partir de reflexões, que nos abrem oportunidades para lutar por melhoras. No entanto vale lembrar o texto de Dahlberg sobre documentação pedagógica, como uma possibilidade de desafiar os discursos dominantes, temos que ter claro nossos objetivos juntando a teoria à prática, tendo base à busca do diálogo para a luta na melhora dos espaços físicos destinados a criança.

A disciplina Teoria Pedagógica e Produção em Saúde e Sexualidade, da continuidade do falar dos direitos das crianças, direito de conhecer seu próprio corpo.

Várias foram às atividades propostas para se trabalhar com a sexualidade dentro de sala de aula. Uma das atividades que contribuiu de maneira significativa foi o trabalho com livros de literatura infantil. Analisamos, vários, onde percebi que podemos realizar um trabalho semelhante ao da disciplina de história com o olhar voltado a sexualidade. Esta tão difícil de ser abordada pelos professores, os quais muitos acreditam que se pode separar o corpo da mente.

Ao desenharmos, corpos em papel pardo (um menino e uma menina), criamos dois personagens e demos a eles personalidade, sentimentos. Percebemos ao socializar o olhar dos outros, tão diferente uns dos outros.

Assim como esta atividade, proporcionou-me um novo olhar para o corpo, acredito que como professora, devo proporcionar atividade que envolva a questão do toque, de conhecer a si mesmo, e ao outro.

Tema Transversais, direcionou meu olhar para trabalhos com projetos.

Esta disciplina fez me entender o porque dos Temas Transversais. No início tive dificuldade para entender a rede e percebi que nós professores fragmentamos conhecimentos colocando-os separados um em cada caderninho todos organizados por disciplinas e fazendo como já disse, um gaveteiro primeiro abrimos a caixinha de português, depois a de matemática e assim por diante. E nesta disciplina foi diferente entendemos o verdadeiro sentido de transpassar as disciplinas, percebemos na rede que tudo se cruza. O conhecimento vai se formando a partir de como é elaborado o conteúdo, como ele chega até nossos alunos.

Uma Nova Professora

*“A sabedoria não nos é dada;
é preciso descobri-la por nós mesmos depois de uma viagem
que ninguém nos pode poupar ou fazer por nós”*
Marcel Proust

Precisei unir todas as minhas forças e dar o melhor para conseguir assim concluir a primeira etapa desta tão sofrida caminhada. Fiquei mais feliz por saber que consegui chegar ao fim; e muito triste por deixar de conviver com amigos, colegas e professores que lembrarei por toda a vida.

Falo da disciplina de Teoria Pedagógica e Produção de Conhecimento em Educação Física, que me surpreendeu demais por dar embasamento numa disciplina tão deixada de lado por professores principalmente de Ensino Fundamental que acham perda de tempo trabalhar com as crianças o corpo. Lembro que este trabalho com o corpo já havia chamado a atenção quando falei sobre sexualidade.

Hoje em dia, percebo na escola em que trabalho que as atividades de Educação Física, continua as mesmas. Há tempos, excluímos crianças com alguma deficiência ou alguma dificuldade (principalmente as obesas).

Lembro assim de minhas aulas de Educação Física na infância quando muitos professores apenas davam ênfase a atividade, que envolvessem a competição e outros a atividades que envolviam a psicomotricidade, com isso acontecia a exclusão daqueles que não se encaixavam dentro das modalidades.

Hoje penso sempre em questões que envolvam lateralidade, coordenação, estimulação (atividades que proporcionem o prazer de estar ali) ou mesmo de conseguir ensinar determinadas regras, organização, e um espírito cooperativo ou até mesmo dessas atividades

que envolvem a psicomotricidade, porém nossos objetivos não são mais os mesmos apesar do tecnicismo, a performance, o lúdico terem ainda grande predominância em nossas escolas.

A equipe escolar não dá a verdadeira importância à educação física, acredita que ela seja apenas uma atividade lúdica e que se o professor achar necessário, pode dar uma “saidinha” com as crianças em algum lugar apropriado (pátio/quadra) e desenvolver qualquer atividade.

Portanto, acredito que isso não é verdadeiro e que a educação física é algo importante, é um lugar de aprender jogos, ginástica, dança, esportes, valer-se criativamente de metodologias que enumerem valores mais solidários, que apontem para uma saudável relação entre indivíduo e sociedade.

Porém, a aula de educação física não tem que ser um lugar, onde aqueles que dominam técnicas rudimentares de um determinado esporte vão “praticar” e os que não sabem ficam sentados (sendo assim excluídos). Ela deve trabalhar com todos, ninguém deve ficar de fora como em todas as outras disciplinas o professor deve trabalhar com atividades de que todos possam participar.

O caráter lúdico também pode prevalecer sempre numa aula de educação física desde que ela seja uma aula, um espaço intencionalmente organizado para possibilitarem em direção a aprendizagem, pelo aluno do conhecimento específico da educação física e dos diversos aspectos das suas práticas na realidade social.

O papel da escola é, portanto, organizar criativamente o conhecimento a ser tratado no tempo, produzir desafios e com este desconhecido arrancar alegria a cada conquista.

O prazer e a alegria não são finalidades da escola, mas são sentimentos presentes no caminho da criança e do jovem que vão ao encontro de um determinado tipo de saber ou que deveriam ir. A escola é um momento na vida de quem está em seu interior e não apenas uma preparação para o futuro.

É importante que o professor tenha consciência de que a aula de educação física é um direito do aluno como as demais disciplinas do currículo escolar.

Com isso, para esta disciplina elaborei um projeto no qual, como professora de ensino fundamental sem qualquer formação em Educação Física possa desenvolver atividades que trabalhem com o corpo dando ênfase à cultura corporal.

Educação Não-Formal, disciplina nova em nosso currículo e que de início difícil de compreende-la, mas com o passar das aulas fomos conseguindo a perceber sua importância para nossa formação.

Uma das coisas que nos fez compreende-la melhor foi o trabalho que realizamos no EJA (ensino de Jovens e adultos) com o intuito de leva-los a refletir sobre seus direitos e seus deveres de maneira a faze-los refletir sobre as Políticas Públicas que vivenciamos em nosso dia-a-dia.

Discutimos com esses alunos sobre seus direitos e seus deveres, levantamos suas reais necessidades, o que hoje precisavam e não tinham (como saúde, educação, transporte...) a partir de então, que se abriu um debate sobre estes temas conseguindo assim abranger a Educação Não-formal.

Apesar de todas as dificuldades sociais encontradas na comunidade visitada, os alunos ainda acreditam na educação como forma de inclusão social, de acesso ao emprego e vêem a educação formal como libertadora.

Estão totalmente arraigados ao esteriótipo da escolarização, pois acreditam que a sociedade só os reconhecerá como cidadãos quando estiverem socialmente educados.

O trabalho da Educação Não-Formal, diante desse grupo possibilitou o início de reflexão sobre os direitos quase nunca atendidos, sobre deveres cumpridos sem questionamentos e sobre compromisso perante a exclusão social.

Esta foi uma disciplina, diferente, que de alguma maneira fez me perceber o quanto a Educação Não-Formal a educação não somente vivida dentro de uma escola Formal pode contribuir para a formação de uma sociedade mais justa, e o quanto nós professores somos direcionados a enxergar somente aquilo que a Rede onde exercemos nossa profissão nos oferece, e nós nem nos esforçamos para olhar além, pois é muito mais fácil se omitir, fingir que não vê, aceitar as Políticas impostas, jogar a culpa no outro, o difícil mesmo é batalhar sem o medo de “ficar mal falada”, de ser “carimbada”.

Muitos dizem que uma gota no oceano não faz a diferença, mas acredito que a partir do momento que acreditar nisso, deixarei de lutar por uma sociedade mais justa e assim passarei a ser como a maioria “Massa de manobra” de políticos que lutam apenas por seus ideais, e não por ideais de uma nação.

Em Educação Especial estudamos sua História, que não é de dar inveja a ninguém, O desenvolvimento histórico da educação especial no Brasil inicia-se no século 19, quando os serviços dedicados a esse segmento de nossa população, inspirados por experiências norte-americanas e européias, foram trazidos por alguns brasileiros que se dispunham a organizar e a implementar ações isoladas e particulares para atender a pessoas com deficiências físicas, mentais e sensoriais.

Essas iniciativas não estavam integradas às políticas públicas de educação e foi preciso o passar de um século, aproximadamente, para que a educação especial passasse a ser uma das componentes de nosso sistema educacional. De fato, no início dos anos 60 é que essa modalidade de ensino foi instituída oficialmente, com a denominação de "educação dos excepcionais".

Podemos, pois, afirmar que a história da educação de pessoas com deficiência no Brasil está dividida entre três grandes períodos:

- de 1854 a 1956 - marcado por iniciativas de caráter privado;

- de 1957 a 1993 – definido por ações oficiais de âmbito nacional;
- de 1993 até a presente data – caracterizado pelos movimentos em favor da inclusão escolar.

A Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional – LDB mais recente, Lei nº 9.394 de 20/12/96 destina o Capítulo V inteiramente à educação especial, definindo-a no Artg. 58º como uma... "modalidade de educação escolar, oferecida preferencialmente na rede regular de ensino, para educandos que apresentam necessidades especiais" Este destaque seria de fato um avanço?

Sem dúvida, avançamos muito em relação ao texto da Lei Nº 4.024/61, pois parece que não há mais dúvidas de que a "educação dos excepcionais" pode enquadrar-se no sistema geral de educação, mas continuamos ainda atrelados à subjetividade de interpretações, quando topamos com o termo "preferencialmente" da definição citada..

A qualificação do professor para assegurar a operacionalização do ensino de alunos com deficiência suscita muitas questões, devidas igualmente à imprecisão do texto legal. Acredito que mais urgente que a especialização é a formação inicial e continuada de professores para atender às necessidades educacionais de todos os alunos, no ensino regular, como proposto pela inclusão escolar. Desenvolver uma prática de ensino que considere as diferenças em sala de aula, e não uma capacitação especializada nas deficiências, como propõem a lei e as políticas educacionais brasileiras.

São importantes esses tipos de discussão com as comunidades, o esclarecimento dos cidadãos, quanto as Políticas Públicas, quanto aos portadores de necessidades especiais, o porque eles devem ser incluídos em salas de aula, e como devem ser incluídos. Lembramos aqui de Educação Não-Formal, a qual possibilita este tipo de discussão.

Analizamos também como o município onde lecionamos vê a inclusão, o como esta é feita. Fiz entrevistas com as escolas do município, onde cada uma relatou quais seus alunos

incluídos, o como são incluídos, podendo assim perceber o quão é falha esta inclusão, onde apesar de os profissionais estarem abertos, não tem respaldo de nenhum outro profissional para saber como trabalhar com diferentes deficiências.

O trabalho com portadores de necessidades especiais motoras um pouco mais esclarecido, pois apesar de dificuldade para se locomover, ele ouve, fala, vê, como todos os demais. Já, o auditivo, o visual e o mental, fica mais confuso a chamada “inclusão”, pelo seguinte: o auditivo não conseguimos se comunicar, a maioria dos professores assim como eu não sabe língua de sinais, o visual não sabemos braile, e para nenhuma dessas deficiências o município não oferece materiais especializados (prancha, cadernos especiais, ...). Os portadores de necessidades especiais mentais, poucos são os profissionais da área da saúde que nos ajudam a compreendê-los. Todos esses são colocados ao professor sem orientações, e este faz o que pode para ajudá-los, mas, nem sempre obtém sucesso, traumatizando-os ainda mais.

Espero que a partir de agora, esta “inclusão” feita nas salas de aulas regulares, tragam consigo um respaldo não apenas clínico, mas principalmente pedagógico, onde consigamos entender esse aluno e fazer com que ele faça parte de nossa classe, trabalhando cada um dentro de suas capacidades e limitações, respeitando os fazendo assim que aconteça essa verdadeira inclusão.

Para finalizar falo de Currículo, este que nos fragmentou a ponto de não conseguir com que a inclusão seja feita, pois sim respeitamos o currículo não as diferenças, façamos cumprir o Plano Pedagógico da Escola, e não entendemos esses portadores de necessidades especiais descontextualizado do mesmo.

Qual é o Currículo que queremos? O que é esse tal de Currículo que demoramos a compreendê-lo ? A quem esse serve? A quais interesses? Pois é, foram essas indagações que me fizeram entender o porque deste currículo que a Universidade nos proporcionou.

Currículo este que me fez entender os interesses de quem eu acreditava, currículo este, que me transformou na professora que hoje sou, fez-me enxergar que todos são diferentes, que a sala de terceira série onde leciono hoje tem trinta diferentes alunos e trinta ideais diferentes, que por mais que eu busque o homogêneo cada vez o heterogêneo se fará mais presente.

Como diz a Frase do Livro “Documentos de Identidade” de Tomas Tadeu da Silva (1999/ Contra capa):

*O Currículo é lugar, espaço, território.
O Currículo é relação de poder.
O Currículo é trajetória, Viagem, percurso.
O Currículo é autobiografia, nossa vida, curriculum vitae: no currículo se forja nossa identidade.
O Currículo é o texto, discurso, documento.
O Currículo é documento de identidade.”*

O mais importante, que ficou de tudo isso foi o Currículo que construí aqui nessa Universidade, as experiências que paralelamente vivenciei dentro e fora daqui, a concepção que mudamos ao longo desses três anos de muita batalha e determinação. A venda que no decorrer destes longos anos, removeu-se sucintamente de meus olhos, e que pude olhar para a realidade como uma nova mulher, uma nova Professora, com um Currículo reconstruído, com o qual continuarei minha caminhada, sempre acrescentando novos saberes, mas sempre com um único ideal trabalhar na construção de um currículo que abranjam os temas sociais que afligem a comunidade, para que possam enfrentar as mudanças da sociedade, um currículo que proporcione condições para a sobrevivência individual, num mundo instável e em mutações. Uma mudança para a sobrevivência introduz os jovens na participação de tarefas que eles e os adultos, enfrentam juntos no mundo atual. O currículo é concebido como uma força ativa determinando impacto direto na formação do homem no contexto social.

O começo dessa trajetória, que longe ainda será seu percurso

*“Aprender?
Certamente, mas em primeiro lugar,
Viver e aprender pela vida,
Na vida”.*
J. Dewey

As mudanças aconteceram e a mais profunda dentro de meu ser nesta Universidade, foi a questão de descobrir o mundo do jeito que ele é. Não mais mascarado pelas ideologias neoliberais capitalistas que mascaram o mundo de tal forma que um cidadão sem uma visão um pouco mais apurada não consegue enxergar, no como as pessoas com estes ideais conseguem enganar todos, toda a população, inclusive eu, como disse Soares em seu Livro que ao entrar na universidade ela tinha uma consciência ingênua, não conseguia observar o que ocorria e compreender o que realmente acontecia. E somente com estudos e pessoas com a vontade de despertar o povo para lutar por algo melhor.

Outro dia na igreja o Padre falou “somos o sal de nossa vida”, se salgarmos ou se deixar faltar sal a comida fica ruim e realmente acredito que ele tenha razão, pois se não soubermos lidar com nossa vida perante aos outros, principalmente nós professores poderemos amargar a vida de muitos de nossos alunos e a nossa própria vida.

Enfim, nossa sala de aula é um lugar de relações com o saber, com o outro, comigo mesmo. Portanto é natural que neste espaço se descortinem antipatias, alegrias, conflitos, sabores, medos, rejeições, humanismo... Toda relação social implica num custo e, além de propiciar saber, poderá ser prazerosa e/ou conflitante. Na vida não é diferente. Cada indivíduo divide seus próprios conhecimentos com o outro. Dessa forma, ele escuta, mas alguns querem ser ouvidos. Em geral, as pessoas mais importantes para os alunos são seus próprios colegas. Há um determinado câmbio de aprendizagens entre os alunos que não pode deixar de ser observado e respeitado pelos professores.

Fazer-se presente, como educador, nesse espaço de 48m, é estar consciente de que se aprende com os alunos. Esse espaço deve ajudar as pessoas a aprenderem a aprender, deve contribuir para que as relações entre alunos e educadores tragam o entendimento das normas escolares favorecendo para que os momentos vividos na escola sejam menos suportáveis. As relações que se expressam nesse local devem ajudar a ampliar a visão de mundo de todos os envolvidos com o ato pedagógico. O aluno precisa entender que a busca do saber só terá significado se, ele entender o porquê está ali. E que a escola não seja outro mundo e sim a complementação do seu. Portanto a função desenvolvida pelos educadores é de extrema importância para o desvelamento de idéias que contribuam para que seus alunos alcancem esses objetivos.

Foi pensando em tudo que escrevi acima e para tentar romper com paradigmas já impregnados em mim que fui cursar Pedagogia e embora não consiga ainda uma grande mudança acredito que este foi o pontapé inicial e com certeza a partir dele poderei mudar ainda mais para compreende-los de tal forma que alcance meu objetivo no decorrer de todo este memorial, à vontade dos alunos estarem na escola, o prazer de fazerem estar.

Como falei no início, o começo dessa trajetória, inicia-se minha luta no campo profissional e a partir desta graduação espero lutar ainda mais para que as portas se abram, e que consiga fazer com que as coisas mudem, não só no papel mas na vida das crianças entregue a mim por 200 dias letivos a cada ano.

Referências Bibliográficas

ABRAMOWICZ, Anete. **O direito da Criança à educação infantil**. Pró –Posições. Revista da Faculdade de Educação/ UNICAMP: vol 14, n.3 (42) – Jan/Abr. 2004.

AMARAL, Cíntia W. in: “**Alfabetizar para quê? Uma Perspectiva crítica para o processo de alfabetização**”. LEITE, Sérgio A. da S. (org) **Alfabetização e Letramento. Contribuições para as práticas pedagógicas**. Campinas, SP. Komedi: Arte Escrita, 2001

ARANHA, M.L.A. & MARTINS, M.H.P. “**Temas de Filosofia**”, Editora Moderna, ano 1992.

ARIÈS, P.– **A História Social da Criança e a Família**. Rio de Janeiro: LCT 1981

AVILA, Maria José. **Professoras de crianças pequeninhas e o cuidar**. Dissertação de mestrado. FE-UNICAMP, fev 2002, cap. 5, p 53-71.

AYOUB, Eliana. **Ginástica geral e Educação física escolar**. Campinas: Editora da Unicamp, 2003.

BITTENCOURT, Circe Maria Fernandes – **Desafios da História Integrada Revista IBEP** – ano 1 - Nº 10 – março de 2001.

BORDIEU, P. **Escritos sobre educação**. Organizado por Maria Alice Nogueira e Afrânio Catani. Rio: Vozes, 2001. 3ªed. P.39-79 e P. 217-227.

BOVE, Chiara – **Inserindo uma estratégia para delicadamente iniciar relacionamento**.

CARAÇA, B.J. “**Conceitos Fundamentais da Matemática**”. Lisboa, Ed. Brs. Monteiro, 1975.

CARDOSO, Sérgio. **O olhar viajante (do etnólogo)** In: Novaes, Adauto et al. **O olhar**. São Paulo: Cia das Letras, 1988, p.347-360.

CHAUÌ, Marilena “**Ideologia e Educação. Educação & Sociedade**”. Campinas, ano II, nº 5, p.25-40, Jan., 1990.

CLEBSCH, Júlio; **Educação em Frases**, Coleção Profissão Mestre, Humana Editorial.

COOL,C. et. Al. “**O construtivismo na sala de aula**”. Editora Ática (1999)

DALBER, Guinilla, MOSS, Peter, PENCE, Alan. – **Qualidade na educação da primeira infância: perspectivas pós-modernas**. Porto Alegre: Artes Médicas, 2003 , cap. 7, p. 189-207.

D’ANTOLLA, Arlette. (org.) (1983). **Supervisão e Currículo: rumo a uma visão Humanística**. S.P., Pioneira.

DIAS SOBRINHO, J. **“Campo e caminhos da Avaliação”**. In: FREITAS, L.C. (org.) **Avaliação: construindo o campo e a crítica**. Florianópolis: Insular, 2002.

DURKHEIM, Émile. **Educação e Sociologia**. 12ªed. São Paulo: Melhoramentos, 1955.

ENGUITA, M.F. **A face oculta da Escola: educação e trabalho no capitalismo**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1989.

FARIA, Ana Lúcia G., **O Espaço Físico como um dos elementos Fundamentais para uma pedagogia da Educação Infantil**. In FARIA, Ana Lúcia G. e PALHARES, Marina (orgs). **Educação Infantil pós - LDB: rumos e desafios**. Campinas: Autores Associados, 1999.

FREITAS, L.C. **Ciclos de Progressão Continuada – Vermelho para as políticas Públicas**. *Eccos Ver. Cient.*, UNINOVE, São Paulo: (n.1,v.4)Jun. 2002.p.79-83.

GANINI, Lella e GOLDABER, Jeanne – **Dois reflexões sobre documentação**. Porto Alegre: Artes Médicas, 2002.

GEOGRAFÊS, texto feito por alunas do Curso de Especialização – **Fundamentos Científicos e Didáticos da Formação de professores**, orientadas pelo professor Wenceslao Machado de Oliveira Júnior.

HERNANDES, Fernando – **Transgressão e Mudança na educação**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1998.

KAMII, C. & DECLARRCK, G. **“Reinventando a Aritmética”** Campinas. Papyrus, 1986.

KONDER, R. **“Marx e a sociologia da Educação”**. In:TURA, Maria de Lurdes Rangel (org.) **Sociologia para educadores**. 2ª ed. São Paulo: Quartet, 2002, p.11-23.

LAROCA, Priscila **“Problematizando os Contínuos Desafios da Psicologia na Formação Docente”**.

MARTINS, Carlos Benedito. **O que é sociologia?** 38 ed. São Paulo: Editora Brasiliense, 2002 (coleção Primeiros Passos:57).

MAZZOTTA, Marcos. **Educação Especial no Brasil. Histórias e Políticas Públicas**. São Paulo: Editora Cortez, 2001. (cap.2: História da Educação Especial no Brasil)

MEC – **Referencial Curricular Para Educação Infantil**

MEC/COEDI, **Crítérios para um atendimento em creches que respeitem os direitos fundamentais da criança**. Brasília, 1995.

OLIVEIRA, Wenceslao M. de, **Aproximações entre a educação, as fotografias e as geografias do lugar onde se vive: um estudo a partir do Atlas Municipal de Rio Claro**.

Parâmetros Curriculares Nacionais: Secretaria de Educação Fundamental. Brasília: MEC/SEF, 1997.

PIRES, Simone Cristina Camargo - **Alfabetização para a Leitura do Mundo – Trabalhando com o Imaginário** – UNICAMP – Faculdade de Educação – Dissertação de Mestrado – 2002.

PISTRAK, M. **Fundamentos da Escola do Trabalho.** Tradução: Daniel Aarão Reis Filho. São Paulo: Expressão Popular, 2000.

RANGEL, A. C. **Educação Matemática e a Construção do Número pela Criança.** Porto Alegre, 1994.

ROSA, Sanny S. Da – **Construtivismo e Mudança**, 7ª edição, Editora Cortez.

ROSEMBERG, Fulvia. **Educação para quem? Ciência e Cultura**, Nº 8 28, dezembro de 1976, p. 1466-1467.

SAVIANI, Dermeval. **Escola e Democracia.** São Paulo: Cortez: Autores Associados, 1989. p.15 a 45.

SEVERINO, J. **“Filosofia”** Editora Cortez . Capítulo 10,11,12. ano 2002.

SILVA, T.T. (1999) **Documentos de Identidade: uma introdução às teorias de currículo.** Belo Horizonte, Autêntica.

SIMSON, Olga; PARK, Margareth; FERNANDES, Renata – **Educação Formal Cenários da Criação** – Campinas-SP: Editora da Unicamp/Centro de Memória 2001

SOARES, Magda. **Metamemórias – Memórias. A travessia de uma Educadora.** 2ª Edição. São Paulo Editora Cortez, 2001. Coleção de Educação Contemporânea. Série Memórias da Educação.

SOUZA, Mayumi Lima – **A importância da qualidade do espaço na educação de crianças.** 1994, Nº 27.

VERBA, Mina e ISAMBERT, Annalise – **A construção dos conhecimentos através das trocas entre Crianças; Estatuto do papel dos “Mais Velhos” no interior do Grupo,** In BONDIOLI, Anna, e MANTOVANI, Susanna (orgs.) **Manual de educação infantil de 0 a 3 anos.** Porto Alegre: Artes Médicas, 1999.

ZAMBONI, Ernesta, **Representações e Linguagens no Ensino da História-** Revista Brasileira de História, V.18, nº 36, p 89-101- 1998.